

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Mônica Figueiredo Dawud

A volta do cinema de calçada:
uma análise do imaginário da Cinemateca Capitólio Petrobras

Porto Alegre

2018

Mônica Figueiredo Dawud

A volta do cinema de calçada:
uma análise do imaginário da Cinemateca Capitólio Petrobras

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social,
habilitação Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Dra. Adriana Coelho Borges Kowarick

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Dawud , Mônica Figueiredo

A volta do cinema de calçada: uma análise do imaginário da Cinemateca Capitólio Petrobras / Mônica Figueiredo Dawud . -- 2018.

72 f.

Orientador: Adriana Coelho Borges Kowarick.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Publicidade e Propaganda, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Imaginário Urbano. 2. Cinema de Calçada. 3. Cinema. 4. Comunicação. I. Kowarick, Adriana Coelho Borges, orient. II. Título.

MÔNICA FIGUEIREDO DAWUD
A VOLTA DO CINEMA DE CALÇADA: UMA ANÁLISE DO IMAGINÁRIO DA
CINEMATECA CAPITÓLIO PETROBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial à obtenção do grau
de Bacharel em Comunicação Social -
Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Adriana Coelho Borges Kowarick – UFRGS
Orientadora

Profª Dra. Fatimarlei Lunardelli – UNISINOS
Examinadora

Profª Dra. Jeniffer Alves Cuty – UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a orientadora desta monografia, Prof^a Dra. Adriana Kowarick, que desde o primeiro semestre foi uma professora exemplar, sempre muito amada por seus alunos. Obrigada por nos ensinar que o ensino pode, e deve, ser exercido de forma mais humana. Sem a sua paciência e orientação esse trabalho não seria possível. Minha eterna gratidão!

A minha mãe por ter me ensinado, desde cedo, que a vida é muito mais que um diploma. Por ser o meu porto seguro, meu maior exemplo e por nunca deixar de acreditar em mim. Muito obrigada!

Um agradecimento especial aos meus irmãos e sobrinhos, minha grande família que eu amo tanto: Érica, Amina, Ezequiel, Samir, Kerolain, Yasmin, Pedro, Erick, Clara, Davi, Bartholomeu e Eduardo. Obrigada por serem tudo o que tenho de mais importante nessa vida. Sei que sempre poderei contar com o apoio de vocês.

Agradeço aos meus familiares: Regina, Edson, Amanda, Fernanda, Carol, Kétlyn e Victória. Principalmente à tia Regina, por ser uma segunda mãe para mim, sempre me apoiando e acreditando no meu potencial.

Não poderia deixar de agradecer ao responsável por tudo isso: José Humberto Martins Borges, coordenador do curso pré-vestibular popular Alternativa Cidadã (PEAC). Obrigada por oportunizar a minha entrada, e a de tantos outros jovens oriundos de escola pública, na UFRGS. Por acreditar na educação popular, sempre lutando por uma universidade mais democrática e plural.

E, por último, aos meus colegas e amigos que me acompanharam durante essa pequena jornada e que ajudaram a deixá-la mais leve e feliz: Marco, Luna, Bianca, Tábata, Ingrid, Nicole, Renata, Amanda, Grazi, Clau, Paula, Matheus e Julie. Agradeço o carinho e a amizade de vocês.

E a todos que, durante esse período, me ajudaram de alguma maneira: meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

Este trabalho aborda a construção do imaginário de um últimos cinemas de calçada do Brasil: a Cinemateca Capitólio Petrobras. Durante a era de ouro dos cinemas de calçada, o antigo Cine-Theatro Capitólio, era um espaço frequentado pela alta burguesia porto-alegrense, mas a partir do surgimento de outras mídias como a televisão, o videocassete e a inauguração dos cinemas de shopping teve início o processo de decadência dos cinemas de calçada. Desde então, diversas iniciativas surgiram na tentativa de restaurar o prédio do antigo Cine-Theatro. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história dos cinemas de calçada em Porto Alegre, com ênfase na Cinemateca Capitólio. Também utilizando uma pesquisa bibliográfica foram trazidos diferentes conceitos sobre imaginário urbano. Para ilustrar o imaginário do Capitólio foi realizada uma pesquisa documental. A pesquisa levantou as notícias divulgadas sobre o cinema de janeiro de 2003 até o dia 15 de novembro de 2018, em mídia jornal (impresso e digital). As ocorrências filtradas foram separadas em dois períodos de tempo distintos e em cinco categorias, conforme suas temáticas, para que a análise da mudança no imaginário do cinema fosse mais perceptível. O resultado da pesquisa aponta para uma mudança no imaginário sobre o Capitólio e evidencia a importância dos meios de comunicação para esta transformação.

Palavras-chave: Cinema de calçada. Cinema. Imaginário urbano. Porto Alegre.

ABSTRACT

This work deals with the construction of the imagery of one of the last cinemas in the country: the Cinemateca Capitólio Petrobras. During the golden age of the sidewalk cinemas, the former Cine-Theatro Capitólio was a place attended by the high bourgeoisie from Porto Alegre, but from the emergence of other media such as television, the videocassette and the opening of movie theaters had beginning of the decay process of the sidewalk theaters. Since then, several initiatives have emerged in an attempt to restore the former Cine-Theatro building. For that, a bibliographical research was carried out on the history of sidewalk cinemas in Porto Alegre, with emphasis on the Cinemateca Capitólio. Also using a bibliographical research were brought different concepts about urban imaginary. To illustrate the imaginary of the Capitol a documentary research was carried out. The survey raised the news about the cinema from January 2003 until November 15, 2018, in newspaper media (print and digital). The filtered events were separated into two distinct periods of time and into five categories, according to their themes, so that the analysis of the change in the imaginary of the cinema was more noticeable. The result of the research points to a change in the imaginary about the Capitólio and highlights the importance of the media for this transformation.

Keywords: Sidewalk cinema. Cinema. Urban imaginary. Porto Alegre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Viaduto Otávio Rocha	26
Figura 2 - Cine-Theatro Capitólio na década de 20	28
Figura 3 - Projeto de concepção do Capitólio	29
Figura 4 - Cine-Theatro Capitólio na década de 30	30
Figura 5 - Restauração da fachada da Cinemateca Capitólio	33
Figura 6 - Fachada da Cinemateca Capitólio restaurada	34
Figura 7 - Mosaico Exposição Capitólio 90 anos (1928-2018)	36
Figura 8 - Cartazes de grandes clássicos do cinema	37
Figura 9 - Loja GerAção POA	37
Figura 10 - Sala de exposições restaurada	38
Figura 11 - Foyer da Cinemateca	38
Figura 12 - Performance durante o evento Cine Esquema Novo no Capitólio	39
Figura 13 - Biblioteca da Cinemateca e acervo com cópias de filmes	40
Figura 14 - Exposição Frankenstein: 200 anos do Prometeu Moderno	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Proporção de temas entre 2003 e 2014	45
Quadro 2 - Proporção de temas entre 2015 e 2018	52
Quadro 3 - A evolução na proporção das temáticas abordadas	58

LISTA DE SIGLAS

AAMICA Associação dos Amigos do Cinema Capitólio

BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

FUNDACINE Fundação de Cinema RS

PETROBRAS Petróleo Brasileiro S.A.

SESC Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	IMAGINÁRIO URBANO	14
3	OS CINEMAS DE CALÇADA EM PORTO ALEGRE	23
3.1	O CINE-THEATRO CAPITÓLIO	28
3.2	O PROCESSO DE REABERTURA DO CAPITÓLIO	31
3.2.1	A restauração do Capitólio	32
3.2.2	Os espaços do Capitólio	34
4	A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CINEMATECA CAPITÓLIO	41
4.1	METODOLOGIA DE ANÁLISE DO IMAGINÁRIO	42
4.1.1	O imaginário no jornal	42
4.2	TEMÁTICAS ABORDADAS	44
4.2.1	Temáticas abordadas entre 2003 e 2014	44
4.2.2	Temáticas abordadas entre 2015 e 2018	52
4.3	A EVOLUÇÃO NA PROPORÇÃO DAS TEMÁTICAS ABORDADAS	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS	64
	ANEXO A	67
	ANEXO B	70

1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do shoppings centers, as salas de cinema de calçada da cidade de Porto Alegre ficaram cada vez mais vazias e vulneráveis à falta de segurança pública, acontecimentos que resultaram na falta de investimentos por parte de seus proprietários. Com a drástica redução de público, muito também devido a popularização da televisão e do videocassete, o retorno sobre o investimento já não era um atrativo para que os administradores continuassem investindo nesse setor.

A busca pelo entretenimento já não era motivo suficiente para lotar as salas, os cidadãos procuravam por segurança, conveniência e praticidade, ou seja, diferenciais oferecidos pelos shoppings. Numa última tentativa de aumentar o número de espectadores, alguns cinemas incluíram nas suas sessões filmes pornográficos, atraindo outro perfil de público. A estratégia adotada não demonstrou rendimento satisfatório para os proprietários. Tal cenário, culminou no fechamento de vários cinemas, antes vistos como espaços de cultura e lazer, tornando-os vulneráveis ao descaso da segurança pública. Deste modo, iniciou-se o processo de decadência dos cinemas de calçada de Porto Alegre.

Construído no centro da grande capital gaúcha, local privilegiado e frequentado pela alta sociedade da época, o Cine-Theatro Capitólio apresentou sua era de ouro e sua deterioração entre os anos de 1928 e 1994. Conforme Zanella (2006), o prédio possuía um estilo eclético, unindo luxo, complexidade e perfeição em seus espaços internos e externos. Tais características eram favoráveis para a construção da imagem de um local nobre, situado numa zona privilegiada da cidade. Mas foi em 1994, com a mudança de cenário e a falta de recursos financeiros, que o Cine-Theatro Capitólio fez sua última exibição. O momento é lembrado como num dia melancólico para os membros da comunidade do audiovisual, seus antigos espectadores, vizinhos e moradores do Bairro Centro.

Dada a sua grande relevância para a construção sociocultural da cidade de Porto Alegre, o Capitólio teve seu processo de reabertura entre os anos de 2001 e 2015. A partir de patrocínios externos e uma força tarefa estabelecida através da parceria entre a Prefeitura de Porto Alegre, a Fundação Cinema RS (FUNDACINE) e a Associação dos Amigos do Cinema Capitólio (AAMICA), a antiga sala de cinema reabre as portas em 2015, agora como cinemateca. Com outro nome, estrutura física, instalações e equipamentos, nasce a Cinemateca Capitólio Petrobras.

Esta monografia se propõe a examinar o processo de construção da imagem da Cinemateca Capitólio Petrobras. Escolheu-se como metodologia o estudo do imaginário urbano dos cinemas de calçada, mais especificamente de um cinema: o Capitólio. Utilizando as metodologias de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental foram reunidas as informações necessárias para descrever e analisar a transformação da imagem do cinema. O estudo do imaginário urbano nos leva a compreender como um determinado espaço é entendido e ressignificado pelo indivíduo num plano individual e simbólico, mas que também pode receber influências de fatores externos. A pesquisa realizada para esta monografia tem como objetivo analisar como se deu o processo de construção do imaginário da Cinemateca Capitólio e se houve uma efetiva percepção por parte do seu público.

Para tanto, o trabalho está dividido em três partes, além da introdução e da conclusão. A teórica, que revisa a bibliografia referente aos estudos do imaginário urbano e ao processo de fechamento e reabertura da Cinemateca, e a parte empírica que compreende a análise das notícias coletadas na versão impressa e digital dos jornais: O Sul, Jornal do Comércio, Zero Hora (Gaúcha ZH) e Correio do Povo.

A pesquisa bibliográfica referente aos estudos do imaginário urbano é apresentada no capítulo 2. A partir das visões de três autores são apresentados diferentes conceitos sobre como se forma o imaginário de um lugar, o que ele significa e resulta. Os autores estudados foram a semioticista Lucrécia Ferrara (2008), o jornalista e sociólogo Juremir Machado (2003) e a historiadora Sandra Pesavento (2008).

No capítulo 3, também através de pesquisa bibliográfica, é apresentada a história dos cinemas de calçada em Porto Alegre com foco no Capitólio. Para esta análise foram selecionados os seguintes autores: Cristiano Zanella, Fábio Steyer, Fundacine e Susana Gastal. Através de suas obras são levantados os motivos da decadência e os esforços para que o cinema fosse reaberto.

Já no capítulo 4 foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental na tentativa de compreender como foi abordado, pela mídia jornal, o processo de reabertura do cinema. A ferramenta utilizada para este fim foi uma pesquisa documental em jornais impressos e no online, utilizando como filtro a palavra-chave *Cinemateca Capitólio*. Na sequência é apresentado um comparativo dos dados coletados durante todo o período da pesquisa na tentativa de identificar a mudança

de percepção da imagem do cinema a partir do discurso midiático apresentado pelos jornais analisados.

No quinto, e último capítulo, a conclusão do trabalho aponta para o resultado da pesquisa sobre o imaginário urbano, realizada na mídia jornal, a respeito do objeto escolhido: o Capitólio. Após o levantamento dos dados obtidos durante a fase de análise das temáticas mais recorrentes é possível apontar uma mudança na construção do imaginário da Cinemateca Capitólio Petrobras.

Deste modo, a concretização do seu projeto de revitalização, assim como a evolução das temáticas abordadas durante o período da pesquisa, ajudaram a compreender de que maneira os meios de comunicação contribuíram para a construção desse imaginário.

2 IMAGINÁRIO URBANO

Na composição dos cenários urbanos existem as casas, as pessoas, os carros, as praças, os edifícios, os cinemas de calçada e tudo o que faz parte da cidade. Tal cenário é capaz de criar um imaginário de representações percebido diferentemente por cada cidadão. Deste modo, para entender como a Cinemateca Capitólio é percebida pela sociedade porto-alegrense, faz-se necessário entender os conceitos de imaginário urbano a partir dos estudos de diferentes autores acerca do tema. Esses conceitos serão utilizados, posteriormente, para compor a metodologia de pesquisa e analisar o objeto de estudo.

Conforme Ferrara (2008), teórica e pesquisadora com ênfase em epistemologia da comunicação, as imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadores do seu conhecimento. A partir do pressuposto que as cidades possuem signos capazes de atuar como mediadores, podemos destacar alguns agentes de cultura que se fazem presentes através de espaços físicos e imaginários, entre eles os cinemas de calçada.

Entretanto, é importante ressaltar a diferença entre imagem e imaginário. Segundo Ferrara (2008), a imagem corresponde muito mais à informação relacionada com um significado, tendo portanto um e apenas um significado. Já o imaginário, diferente da imagem, corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento e atribuir significados a partir do uso e multiplicação dos mesmos. Como exemplo podemos citar monumentos e espaços públicos que ganham novos significados pela incorporação de signos extras, mais do que pela relação com a imagem básica que lhes deu origem. O imaginário seria então um processo que, além de acumular imagens, é estimulado e desencadeado por algum elemento (FERRARA, 2008).

Neste sentido, é possível sugerir como exemplo a Igreja das Dores, localizada na Rua dos Andradas, em Porto Alegre. Tombada em 1938, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a mais antiga Igreja do município demorou quase um século para ficar pronta. A obra só foi possível devido às doações em dinheiro, realizadas pelos moradores mais ricos da cidade e de outros recursos, como o empréstimo de escravos. Um desses senhores chamava-se Domingos e recebeu a informação de que seu escravo, Josino, roubara uma das pedras que adornavam a

estátua da imagem de Nossa Senhora das Dores, exposta no altar da Igreja. Na época, as pessoas, ainda mais um escravo, podiam ser castigadas e condenadas sem provas. Cabia ao senhor, proprietário de Josino, escolher sua sentença. Domingos teria o condenado à morte por enforcamento. A sentença ocorreu em frente à Igreja, numa praça que foi utilizada para a instalação da forca.

Conforme o imaginário popular, Josino foi executado nesse local, alegando sua inocência e rogando uma praga – de que seu patrão nunca veria a obra da Igreja ser concluída. Ao longo dos anos, o imaginário sobre a demora para que a obra fosse concluída ganhou forças, pois várias estruturas e planos arquitetônicos foram modificados, tal como o projeto das torres. Fatores esses que, segundo a comunidade, devem-se à praga rogada por Josino.

Ainda conforme Ferrara (2008), a imagem urbana é composta por elementos visuais distintivos: como cores formas, texturas, volumes, localização e tempo histórico. Tal visibilidade é proporcional ao grau de relação que se estabelece na conexão diária do usuário urbano com os elementos descritos anteriormente. Isso significa que a medida em que a imagem é reconhecida e identificada é proporcional à percepção das suas características visuais.

A imagem urbana não necessariamente emerge do seu contexto, pelo contrário, ela surge isolada. Assim, a arquitetura de um edifício pode falar por si mesma, não necessitando dialogar com o restante do cenário urbano do seu entorno e é desse isolamento que a imagem se destaca e se consagra. Como essa imagem utiliza de suas formas, cores, volumes e demais características que geram sua iconicidade, ela pode ser transportada para outros locais, com outros contextos, sem perder sua eficiência visual. Ainda conforme Ferrara (2008):

Emblemática, a imagem é o resgate físico e visual de marcas memoráveis da cidade que, através dela, escreve a sua história documental de episódios, datas, estéticas e personagens. Na realidade, a imagem é uma reconstrução simbólica da história documental de uma cidade (FERRARA, 2008, p.195).

A imagem do Capitólio, assim como outros edifícios ou monumentos, faz parte do cenário visual da cidade e ao mesmo tempo pode ser utilizada fora de contexto sem perder seu significado. As marcas do tempo e seus adjetivos visuais fazem parte dos valores simbólicos que formam sua imagem. Tal imagem, faz parte da identidade urbana de Porto Alegre, registrada coletivamente e de extrema importância para a

composição simbólica da cidade.

Para Ferrara (2008), o imaginário urbano desenvolve um processo mais complexo enquanto percepção e recepção. Enquanto percepção, o imaginário exige um juízo perceptivo e enquanto recepção supõe a participação. Sendo essa recepção uma espécie de “matriz receptiva agenciada pelo imaginário que faz da experiência urbana uma revolução no repertório de informação de um indivíduo e amplia a percepção visual até a dimensão informacional” (FERRARA, 2008, p. 196). Após esse fenômeno a imagem é concretamente construída, criando um imaginário que foi estimulado e desencadeado pelas características urbanas, ou seja, para a construção de sintaxe do imaginário foi necessário relacionar a identificação desses estímulos (FERRARA, 2008).

Se as imagens urbanas são formadas a partir do coletivo, o imaginário parte do individual, da produção e da criação da informação urbana a partir da experiência do pensar e do refletir. Neste cenário, a cidade encontra-se como uma coadjuvante que auxilia o processo de criação de sentimentos e reflexões. Pode-se afirmar que o processo de conhecimento de uma cidade surge a partir dela própria, isto é, esses estímulos são responsáveis por dar origem a “uma poética urbana identificada com a modernidade” (FERRARA, 2008, p. 197). Ainda conforme Ferrara (2008), a imagem urbana possui o caráter de ser visual e icônica, podendo criar uma espécie de imaginário sensorial, com a função de resgatar índices, marcas e signos para, a partir do uso desses elementos, construir uma unidade que atue como um tipo de metáfora da cidade. Como exemplo, metáforas já utilizadas para representar o imaginário da modernidade dizem respeito ao futurismo, onde representações como velocidade e mudança são utilizados de modo a construir uma dinâmica de associações que resultam num imaginário pautado naquilo que é avançado e independente. Deste modo,

O imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos/índices, produz discursos que com ela interagem. Uma espécie de diálogo. (...) Assim sendo, o imaginário dialoga, em última instância com a história urbana (FERRARA, 2008, p.195).

Ferrara (2008, p. 198) também apresenta o “paradoxo do caráter apelativo da imagem urbana que dirige-se ao próprio imaginário e, sem ele, permanece diluído no cotidiano, no hábito da cidade enquanto ambiente construído”. Assim, entende-se que

é ao imaginário que a arquitetura da imagem urbana se encaminha, uma vez que as suas características são responsáveis pela formação do seu plano ideológico. Se imagem e imaginário distinguem-se no campo sintático, pode-se agora afirmar que tal fenômeno também ocorre no plano ideológico.

A partir da hierarquia dos seus atributos é que baseia-se a construção da imagem da cidade. Esses atributos possuem um sistema de ordem que comunica um código, de modo a hierarquizar o espaço urbano, por exemplo: a Praça Central, o Prédio da Prefeitura, o Mercado Público, etc. O poder que organiza a cidade parte da percepção coletiva da imagem e pode ser utilizado para perpetuar tais percepções. De maneira oposta, a fundamentação do imaginário urbano é particular e se constitui no interior de cada um, levando em consideração seus sentimentos, memórias, vivências e demais informações adquiridas ao longo da sua trajetória. O imaginário não pode ser construído fisicamente, dado que o mesmo parte da ordem do privado e, diferente da imagem, apresenta-se como apenas uma sugestão indireta (FERRARA, 2008).

Para além das definições teóricas com relação aos conceitos de imagem e imaginário, Ferrara (2008) também discorre sobre o impacto crescente dos veículos de comunicação e informação perante a cidade. Se por um lado a mídia é responsável por “propagar a informação, minimizando tempos e diferenças, de outro transformam a vida urbana na imagem standard que unifica todos os espaços públicos e privados” (FERRARA, 2008, p. 200).

No decorrer do processo de informação, os veículos de comunicação de massa transformam o particular em geral, homogeneizando os cenários. Apesar da imagem urbana não ser local, mas global, o imaginário ainda é a “válvula capaz de transformar a mercadoria e o consumo em conhecimento que se amplia e se torna mais complexo” (FERRARA, 2008, p. 200), assim torna-se necessário a prática de olhar globalmente para descobrir-se localmente enquanto cidade, coletiva e individual.

Ampliando os conceitos abordados anteriormente, Juremir Machado da Silva (2003), sociólogo e jornalista, afirma que todo imaginário é real e todo real é imaginário, ou seja, não há vida simbólica fora do imaginário. A palavra imaginário se propagou na última década do século XX, mas, ainda conforme o autor, houve certa confusão entre os termos imaginário e simbólico. Tal fato pode ter acontecido porque o termo imaginário, antes restrito somente ao universo acadêmico, espalhou-se por outros espaços, como a mídia. Todo imaginário é uma narrativa e eles difundem-se

por meio de tecnologias próprias que, para Silva (2003), podem ser chamadas de tecnologias do imaginário.

Para o autor “todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva anônima e sem intenção” (SILVA, 2003, p. 08). Silva (2003), ainda conceitua o imaginário como um reservatório/motor:

Reservatório porque agrega imagens, sentimentos lembranças e visões do real que realizam o imaginado através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. (...) Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas (SILVA, 2003, p.12).

Para além do conceito de reservatório/motor, Silva (2003) reforça a construção da atmosfera que o imaginário é capaz de criar. A partir dos estudos realizados por Maffesoli (2001), pode-se compreender o imaginário como uma aura, que não pode ser vista, mas pode ser sentida. Inclusive o campo científico, conhecido por sua integridade ética e rigorosos métodos, não pode suprimir totalmente o imaginário para atuar em condições absolutas de objetividade e neutralidade, uma vez que o fazer científico depende do fator humano, este movido por ambições, paixões, identificações e modelos (SILVA, 2003).

O autor ainda discorre sobre a diferença entre o imaginário social e o individual. O imaginário social instala-se por contágio, enquanto o individual se dá por identificação, apropriação e distorção. Em ambos os imaginários há sempre um desvio e nesse desvio há uma potencialidade de canonização. O imaginário “explica o ‘eu’ (parte) no ‘outro’ (todo)” (SILVA, 2003, p. 14), mostrando como se permanece individual no grupo e grupal na cultura:

O imaginário é uma fonte racional e não-racional de impulsos para ação, é também uma represa de sentidos, de emoções, de vestígios, de afetos, de imagens, de símbolos e de valores. Pelo imaginário o ser constrói-se na cultura (SILVA, 2003, p.14).

Assim, conforme Silva (2003), o imaginário não é a cultura, mas um meio onde o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo. Outro conceito abordado é o de tribo. Para exemplificar o conceito de tribo, noção orgânica de grupo,

Silva (2003) utiliza-se das concepções de Maffesoli. Neste sentido, o imaginário tribal “retira o indivíduo da solidão para inseri-lo numa atmosfera de partilha” (SILVA, 2003, p. 15), mas mesmo a partir dessa produção desse sentido grupal o imaginário não perde sua autonomia individual, pois o imaginário não pode ser visto como um determinismo.

Dentre as várias abordagens acerca das tecnologias do imaginário, Silva também exemplifica em que o imaginário difere da cultura. A noção de cultura é entendida como mais ampla do que o imaginário, mas nem por isso é compreendida como mais significativa. Maffesoli entende que o imaginário é um estado de espírito sendo um agente capaz de mover multidões. Ainda conforme Maffesoli (2001),

A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio de grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, literatura [...] O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera [...] O imaginário é uma força social de ordem espiritual uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável (MAFFESOLI, 2001, p.75 *apud* SILVA, 2003, p.17).

Enfim, o imaginário, mesmo quando grupal, consegue manter a sua esfera de autonomia relativa, diferente da noção de cultura. A definição de imaginário é de extrema importância para o entendimento das necessidades simbólicas do ser humano. Como exemplo, pode-se citar as explicações fictícias que o homem é capaz de criar para aquilo que é inexplicável. A escassez de informações ou fatos sobre determinado assunto ou tema abre espaço para que o processo de construção do imaginário entre em ação.

Uma terceira abordagem, da historiadora e escritora, Sandra Jatahy Pesavento (2008), sugere que há, no plano da ordem simbólica, “uma correlação entre o corpo do individual e o corpo social, entre a cidade que se fabrica e o homem que a constrói” (PESAVENTO, 2008, p. 25). Inclusive, a imagem da cidade-humana possibilita diferentes leituras sobre a sua complexidade e suas múltiplas dimensões.

Partindo de analogias, a historiadora descreve a cidade como não apenas um conjunto articulado de espaços e vivências, mas também como realizadora de funções, assim como um indivíduo. A cidade “possui uma identidade que faz com que os indivíduos a reconheçam e se reconheçam nela como individualidade” (PESAVENTO, 2008, p. 25). Surge assim o processo de identidade/alteridade que, conforme a autora, opõe o “nós” aos “outros” (PESAVENTO, 2008), estabelecendo a

construção de um sistema de identificação entre um lugar e seus habitantes.

Na sua obra *O Imaginário da Cidade*, Pesavento (1999) discorre sobre as muitas possibilidades de acesso ao fenômeno urbano e aos discursos e imagens que falam de uma espaço, caminho este construído, pelo homem, a partir dos imaginários sociais sobre o urbano.

A partir do estudo da cidade, através de suas representações, utiliza-se o conceito de história cultural do urbano. Tal estudo torna-se bastante significativo no final do século XX, pois é neste período que a cidade torna-se o lugar onde as coisas acontecem (PESAVENTO, 1999). Neste contexto, a cidade é colocada como um objeto problema, ou seja, como um campo de abordagem para os estudos do imaginário social.

No trabalho de 1999, a autora já abordava fenômenos crescentes como o domínio de imagens, a criação de realidades virtuais e a expansão cada vez maior da mídia. Hoje, tais acontecimentos confirmam a teoria levantada no final do século passado. Essa abordagem torna-se importante para a compreensão das diferenças e similaridades entre os conceitos de representação e realidade. Pesavento (1999) afirma que imaginário, como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, é capaz de criar o real:

Assumir essa postura implica admitir que a representação do mundo é, ela também, parte constituinte da realidade, podendo assumir uma força maior para o real concreto. A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas (PESAVENTO, 1999, p. 8).

Diante disso, as ruas, os monumentos, as praças e as construções da cidade são vistos como uma realidade objetiva, mas partindo desses recursos reais é que o homem constrói um “sistema de ideias e imagens de representação coletiva” (PESAVENTO, 2008, p. 26). Isso significa que é através de recursos e imagens que o homem reorganiza a ordem social vivida, atribuindo novos significados e expressando intenções, desejos, utopias e mitos (PESAVENTO, 2008).

A partir das colocações de Pesavento (2008; 1999), é possível pensar que a pluralidade de saberes e olhares sobre o objeto cidade só foi possível devido à expansão dos grandes centros urbanos, acontecimento que reuniu grupos de pessoas mais heterogêneos num delimitado espaço geográfico. A construção dessas imagens não se excluem, nem se hierarquizam, mas se cruzam e criam uma dimensão

transdisciplinar sobre a mesma cidade.

Do mesmo modo, Pesavento (2008) discorre, através da literatura da época, sobre os caminhos que levaram Porto Alegre a ser reconhecida e imaginada como a cidade do medo ou cidade maldita. A compreensão dos fatores que contribuíram para formação desse imaginário coletivo é de extrema importância para o entendimento do cenário de decadência dos cinemas de calçada no decorrer do século XX. Tal processo teve início ao longo do século XIX,

quando sob o impulso do desenvolvimento capitalista, ocorreu um inchamento urbano, marcado pela concentração populacional nas cidades em função do erguimento de um mercado de trabalho de novas proporções. O crescimento desordenado de casas e bairros e a aglomeração em espaços restritos de grupos heterogêneos puseram na ordem do dia uma série de novos problemas e necessidades (PESAVENTO, 2008, p.26).

Neste sentido, inicia-se a temática social que, a partir desse fenômeno, começa a fazer parte uma questão propriamente urbana. Com os grupos mais heterogêneos e ocupando os mesmos espaços, surge a necessidade de reordenar os espaços e disciplinas das vivências coletivas. Os espaços malditos da urbe eram “os bares, tavernas, tascas da beira do cais e dos becos que infestavam a cidade e que, junto com as jogatinas e os bordéis, configuravam uma zona perigosa” (PESAVENTO, 1994 *apud* PESAVENTO, 2008, p. 27). Essas zonas eram os locais onde os cidadãos de bons costumes evitavam passar. Ao mesmo tempo que a região central de Porto Alegre foi reconhecida como a Cinelândia Gaúcha, frequentada pela burguesia da capital, também é no Centro que encontram-se esses locais, que ao cair da noite, unem personagens como: assassinos, ladrões, vadios, prostitutas, bêbados, dentre outros (PESAVENTO, 2008).

Neste trabalho, os conceitos dos autores citados anteriormente: Ferrara, Silva e Pesavento, serão usados para compreender o imaginário urbano acerca de um dos últimos cinemas de calçada do Brasil. Os estudos sobre a fundamentação do imaginário urbano no interior do indivíduo será abordado a partir da autora Ferrara (2008). Já o estudo da construção da atmosfera que o imaginário é capaz de criar a partir de determinadas tecnologias será analisado partindo dos apontamentos do autor Silva (2003). E, por fim, a autora Pesavento (1999;2008) pela sua aproximação com o estudo das relações do indivíduo com a cidade, no plano simbólico, sendo o Capitólio, neste caso, um agente mediador dessas conexões.

Nos próximos capítulos serão abordados os aspectos que levaram a decadência dos cinemas de calçada na capital, mais especificamente o antigo Cine-Theatro Capitólio, e como se deu o processo de reabertura do cinema segundo a mídia escolhida para análise. Para isso, entender como ocorre a construção do imaginário urbano da cidade torna-se fundamental para a compreensão dos fenômenos que serão abordados no decorrer desse trabalho.

3 OS CINEMAS DE CALÇADA EM PORTO ALEGRE

No dia 28 de dezembro de 1895, no subsolo do Salão Indiano do Grand Café, em Paris, foi exibida a primeira sessão pública de cinema do mundo. Conforme o autor Fábio Steyer (1998), apesar da dificuldade de comunicação do Brasil com a Europa, aconteceu em 1896, menos de um ano após o início do cinema, a primeira exibição de um filme em território nacional. Deste modo, surge, segundo Zanella (2006), uma das mais importantes formas de produção, expressão artística e de entretenimento. Talvez um dos símbolos mais importantes da popularização e massificação da arte na modernidade: o cinema.

A chegada do cinematógrafo Lumière ao Brasil se deu de “forma acanhada, consolidando aos poucos sua posição nos meios artísticos-culturais nacionais” (STEYER, 1998, p. 25). Assim, diversos centros urbanos começaram as exibições para a população local. Em São Paulo, o cinema chegou no ano de 1896, apresentado pelo fotógrafo francês Georges Renouveau. E foi Renouveau, no dia 8 de novembro de 1896, o responsável por uma das primeiras exibições de cinema em Porto Alegre (STEYER, 1998). Além de fotógrafo, Renouveau era um dos tantos empresários que, após adquirir o cinematógrafo, viajavam pelo país espalhando a grande novidade do invento dos irmãos Lumière. Depois do sucesso registrado em São Paulo e Rio de Janeiro, Porto Alegre foi a próxima a receber o aparelho. Neste período, o município tinha 123 anos e contava com 60 mil habitantes (ZANELLA, 2006).

Por isso, no início, o cinema era considerado uma atividade itinerante, sendo exibido apenas em feiras, circos, parques, cafés, teatros e prédios de comércio. Mas em 1907, com a implantação da luz elétrica, forma-se um cenário mais favorável ao comércio na zona central de Porto Alegre e arredores, fato que impulsiona o desenvolvimento da atividade cinematográfica na região. A grande mudança ocorre em 1908, com a inauguração do Recreio Ideal, a primeira sala fixa de cinema da cidade localizada na Rua da Praia, próximo à Praça da Alfândega.

É importante ressaltar que nas primeiras décadas o cinema ainda não havia encontrado o seu público fiel, por isso grande parte dos seus espaços de exibição funcionavam como cine-theatro, servindo como ambiente para demais atividades culturais.

Posteriormente, com a abertura de grandes salas de cinema na região central, como o Guarany, o Apollo, o Coliseu e o Petit Cassino, se consolidou a chamada

Cinelândia Gaúcha¹, aglomerado de salas situadas principalmente na Rua da Praia e no Largo de Medeiros. Sobre os cinemas:

A capital gaúcha conheceria, a partir de então suas primeiras salas de grande porte, como o Guarany (1913; projetado pelo famoso arquiteto alemão Theo Wiederspahn, um dos mais tradicionais cinemas da cidade até os anos 40, quando troca de nome para Cinema Rio), o Apollo (1914; de Eduardo Hirtz, com 2.000 lugares), o novo Coliseu (1915; um gigante com cerca de 3.000 lugares) e o Petit Cassino (1916; com porte e capacidade semelhantes ao Guarany e fachada em estilo neoclássico, que em 1937 passa a chamar-se Rex) (ZANELLA, 2006, p. 28).

Diante disso, ao final dos anos 20, a cidade “contava com mais de 30 salas, e o cinema havia se tornado a principal diversão das famílias da época, superando o teatro” (ZANELLA, 2006, p. 28). Surge assim, o início da era de ouro dos cinemas de calçada em Porto Alegre.

Conforme Susana Gastal (1999), a década de XX vê consolidadas as casas exibidoras enquanto atividade empresarial, tendo o cinema sua atividade principal. Constituído como empreendimento empresarial e econômico, o cinema necessitava de estratégias de divulgação mais amplas, sendo necessário manter o público informado sobre dados básicos como os horários das sessões e os filmes em cartaz. Surge assim, os profissionais responsáveis por criar os cartazes que eram fixados nas fachadas das salas exibidoras e em alguns pontos de grande circulação da cidade.

Segundo Steyer (1998), o cinema continua sendo um dos principais agentes de transformação nos hábitos socioculturais dos cidadãos e a imprensa foi uma das fontes mais importantes para os estudos acerca desse fenômeno. Durante as décadas de 10 e 20 houve um aumento significativo no número de artigos, matérias, notas e anúncios dedicados ao cinema gaúcho nos jornais que circulavam na cidade. Por conseguinte, a imprensa local publica anúncios com uma periodicidade mais constante. Em 1908 aparecem os primeiros anúncios, mas é nos anos 20 que eles “ampliam seu espaço e sua constância em pequenas notas ou propaganda de pé de página. Com a popularização, o cinema torna-se primazia da publicidade de veículos como o Correio do Povo” (GASTAL, 1999, p. 38). Tais acontecimentos reforçam a

¹ O termo fazia referência ao nome popular da região do entorno da Praça Floriano, no centro da cidade do Rio de Janeiro, local com grande concentração de cinemas, teatros e hotéis.

ideia de que a consolidação das salas de cinema em território gaúcho ajudaram a moldar o estilo de vida da população.

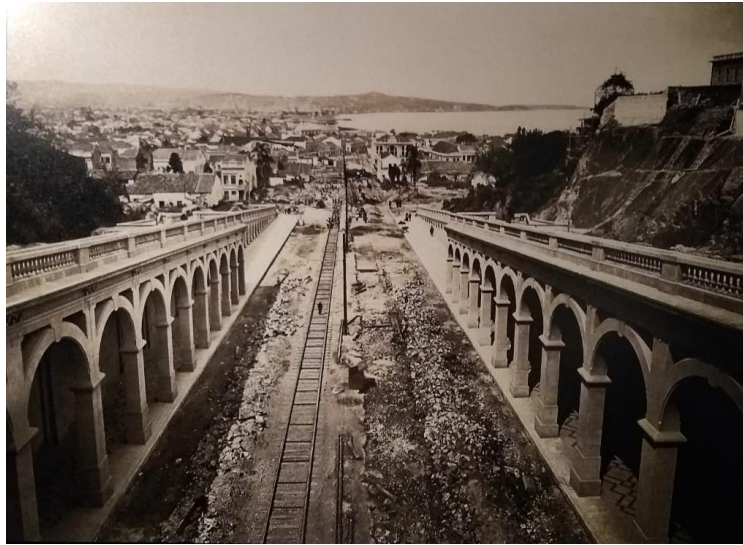
Neste sentido, Gastal (1999) afirma que o que era considerado uma atividade de acontecimento social e de divertimento mundano inconsequente deu lugar à valorização do Cinema Arte. Ao que era visto somente como lazer, foi agregado status de cultura trazendo produções com mais qualidade e roteiros que exploravam o envolvimento com o espectador.

De fato, os centros das grandes cidades são fundamentais para a formação de uma identidade urbana e, tratando-se do centro da capital gaúcha, a chamada Cinelândia contribuiu para o desenvolvimento desta identidade. Mas foi ao longo da década de 20, com 200 mil habitantes, que os cinemas multiplicam-se pelos bairros da cidade para além da região central. Um pouco antes, em 1914,

a proposta urbanística do Plano Moreira Maciel colocara em prática várias ações para que a cidade perdesse seu ar provinciano, marcadamente português na sua arquitetura das casas porta-e-janela junto à calçada e no seu emaranhado de becos tortuosos. A legislação passou a estabelecer determinações sobre o alinhamento dos prédios em relação aos terrenos, abrindo mais espaços entre as edificações (GASTAL, 1999, p. 40).

Assim, a cidade ganhou um novo padrão visual, a exemplo do que já acontecera em outras grandes metrópoles internacionais. Dentre as obras que fizeram parte da nova estética do município está a do Viaduto Otávio Rocha e a da Avenida Júlio de Castilhos, inaugurada em 1928. Sobre a construção da avenida, Gastal (1999) afirma que seu traçado deveria “expressar em nível do imaginário coletivo o novo patamar de desenvolvimento, riqueza e refinamento que atingiria a sociedade porto-alegrense ou, pelo menos, alguns de seus representantes” (MONTEIRO *apud* GASTAL, 1994:84, p. 40).

Figura 1 - Viaduto Otávio Rocha



Fonte: Sala de Exposições da Cinemateca Capitólio Petróbras. Exposição “Capitólio 90 anos 1928-2018”. Acervo pessoal da autora.

Com efeito, há também a ampliação da atividade industrial, decorrente da expansão da energia elétrica, sendo que, neste período, Porto Alegre possuía 621 indústrias e dez mil operários (GASTAL, 1999). Surge, com essa nova classe operária, um novo público espectador que procura no cinema, em especial no Bairro Navegantes, região industrial da Zona Norte de Porto Alegre, o seu momento de lazer após o expediente de trabalho.

Certamente, o valor do ingresso, mais barato que o teatro e a ópera, foi um dos fatores que contribuiu para a popularização do cinema, antes restrito à elite local. Outra vantagem, apontada por Steyer (1998), eram as sessões de curta duração, pois assim o espectador tinha a possibilidade de desfrutar de outra atividade numa mesma noite, como jantar com a família ou descansar após um longo dia cansativo.

Mais adiante, em 1928, duas grandes inovações tecnológicas chegam para incorporar os cinemas brasileiros: o som e a cor. Imediatamente, os filmes ganham outra dimensão visual e sonora. A nova estética fílmica marca o fim de uma era: o cinema mudo (GASTAL, 1999). Na época, a novidade causou certa resistência por alguns defensores do cinema mudo, dentre eles muitos nomes famosos, porque “a voz desses atores não possuía a necessária eufonia aos ouvidos do público” (GASTAL, 1999, p. 43).

Consequentemente, a novidade atraiu um maior público aos cinemas, pelo menos no início, enquanto a tecnologia ainda era novidade para a população porto-

alegrense. Mais tarde, “as línguas estrangeiras e as legendas, numa cidade com mais metade da população analfabeta, dificultaram à plateia acompanhar o que se passa na tela, com reflexo na frequência às salas exibidoras” (GASTAL, 1999, p. 43). Até o começo dos anos 30, mais da metade dos cinemas de Porto Alegre adaptam-se à modernização, introduzida na cidade pelo Cine Apollo. Em vista disso, alguns cinemas não resistem e são obrigados a fechar as portas. Ao contrário das primeiras máquinas, mais simples e com custos mais acessíveis, a nova tecnologia exigia altos investimentos para a sua fabricação e manutenção (GASTAL, 1999).

Ainda conforme Gastal (1999), na década de XX a capital gaúcha contava com os cinemas: Palácio, Central, República, Orpheu, Mont’Serrat, América, Carlos Gomes, Moderno, Glória, Gioconda, Capitólio, Ypiranga Rosário, Rio Branco, Variedades, Orion e Navegantes. Com o grande número de salas e a expansão da atividade econômica, o poder público, em 1929, propõe aumento de impostos sobre os ingressos. O resultado da decisão foi um protesto organizado por quatorze cinemas que fecharam suas portas por um dia.

Além disso, conforme Zanella (2006), torna-se importante salientar o papel social que cumpriram as salas de cinema até a metade do século XX, quando serviam também como espaço para diversas manifestações artísticas, exibindo, além dos filmes, peças de teatro, apresentações musicais e realizando programas de auditório. Do mesmo modo, os cine-theatros funcionavam como ponto encontro dos porto-alegrenses:

No Centro, estavam os de arquitetura requintada, chiques, elitizados, apresentando filmes recém chegados, onde os trajes dos frequentadores eram formais, quase em gala, assim como o comportamento contido durante as sessões; nos bairros, encontravam-se as salas, os títulos e os públicos mais populares (ZANELLA, 2006, p. 29).

Mesmo com todas as dificuldades encontradas pelos administradores para manter ativos os cinemas de calçada, desde as suas primeiras exibições, em 1896, até o início da década de 20, pode-se afirmar que os mesmos foram fundamentais durante o processo de construção da sociedade porto-alegrense do período. A chegada dos cinemas “não apenas provocou um grande impacto na área sociocultural, mas também trouxe modificações nos hábitos e nos costumes da população” (STEYER, 1998, p. 81).

3.1 O CINE-THEATRO CAPITÓLIO

Inaugurado em 12 de outubro de 1928, com o filme Casanova, o príncipe dos amantes, o Cine-Theatro Capitólio foi um projeto do arquiteto e engenheiro paulista Domingos Rocco. O antigo prédio possuía influências açorianas e portuguesas, tendo capacidade original para mil duzentos e noventa e cinco (1.295 espectadores), uma área de mil e trezentos metros quadrados (1.300 m²) e mantinha contrato de exclusividade com duas maiores produtoras de filmes da época: a United Artists e a RKO (ZANELLA, 2006).

Figura 2 - Cine-Theatro Capitólio na década de 20



Fonte: FUNDACINE, 2007.

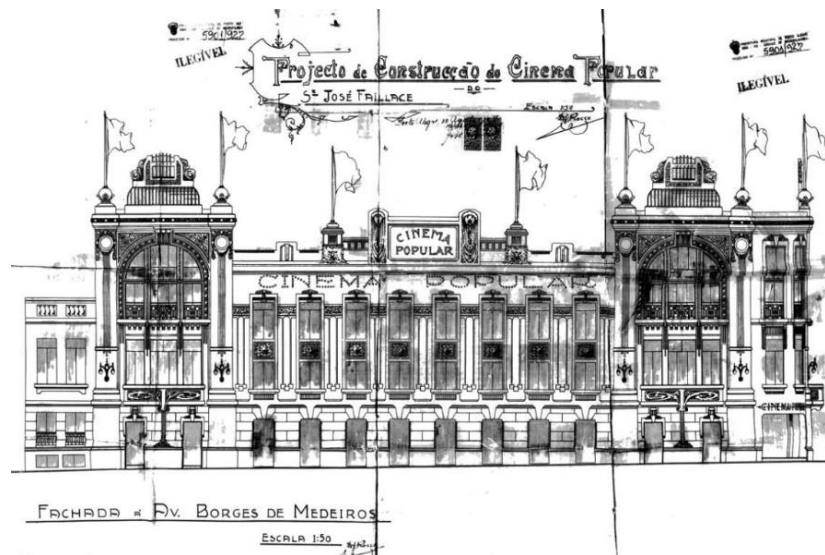
O Capitólio acompanhou o processo de ascensão e decadência dos demais cinemas gaúchos. Iniciando as suas atividades nos anos 20, o cinema permeou todas as fases do cenário audiovisual gaúcho, tendo parte de seu sucesso atribuído à sua localização central, região nobre, frequentada pela burguesia porto-alegrense e seu amplo espaço físico, que chegou a acomodar mil e quinhentas (1.500) pessoas na plateia (FUNDACINE, 2007). Tais fatores contribuíram para seus 66 anos em exercício ininterruptos. Ainda conforme a FUNDACINE:

Contar a história de um prédio é contar várias histórias que se entrelaçam no mesmo espaço físico. Um prédio tem a história da sua construção, da sua ocupação, das pessoas que o habitaram, das atividades que ele abrigou. Do entorno urbano que o viu desenvolver (FUNDACINE, 2007, p. 26).

Deste modo, o prédio que abrigou o Cine-Theatro foi cenário de múltiplas vivências, individuais ou coletivas. As lembranças, dos momentos passados no casarão formaram, ao longo dos anos, uma identidade própria que está inserida no imaginário urbano de Porto Alegre. Desde a criação do seu projeto de concepção, até a sua decadência, o cinema ainda mantém a sua memória entre seus antigos frequentadores.

Com o propósito de ser “um marco arquitetônico, um monumento à cultura, e um espaço de socialização” (FUNDACINE, 2007, p. 29), nascia o projeto do Cine-Theatro Capitólio, tornando-se também um espaço dedicado exclusivamente para o cinema.

Figura 3 - Projeto de concepção do Capitólio



Fonte: FUNDACINE, 2007.

Em 1935, o cinema passou pela sua primeira reforma, com o objetivo de aumentar a capacidade de público. Neste momento, o Capitólio vivia a sua era de ouro, mas com o passar dos anos os gostos do público mudaram e o filme tornou-se o principal motivo pelo qual as pessoas frequentavam o cinema. Os grandes momentos que marcaram os cine-theatros, como shows de música e mágica, já não eram mais atrativos para os espectadores. As mudanças dos hábitos de consumo da sociedade gaúcha afetaram outras atividades, que antes ocorriam nos cinemas, como exposições de artes, concursos de misses, bailes de carnaval e peças de teatro, que começavam a ganhar espaços específicos e aos poucos deixaram de integrar as agendas dos cinemas (FUNDACINE, 2007).

Figura 4 - Cine-Theatro Capitólio na década de 30



Fonte: Exposição “Capitólio 90 anos 1928-2018”. Acervo próprio.

Conforme Gastal (1999), a década de 40 é marcada pela Segunda Guerra, afetando diretamente os países europeus, até então responsáveis por grande parte da produção cinematográfica mundial. As produções passam a ser atendidas pelos Estados Unidos. O Brasil estava sob o Estado Novo, responsável por impor “a censura sobre alguns setores culturais e investindo em outros, como os filmes de propaganda nacionalista ou do Estado, que invadem as telas” (GASTAL, 1999, p. 69).

Passados quase 100 anos do início dos cinemas de calçada em Porto Alegre é inegável a importância do Bairro Centro Histórico na formação identitária dos porto-alegrenses. Uma vez que o bairro até hoje permanece sendo um dos cartões postais da capital gaúcha, com suas praças, monumentos, edificações, espaços como o Cais do Porto, etc. (ZANELLA, 2006).

Mesmo com tantos aspectos histórico-culturais, a região central de Porto Alegre, assim como em outras grandes metrópoles, sofreu muito com a degradação, tanto nos aspectos físicos (arquitetura, trânsito, poluição visual e sonora, etc.), quanto no âmbito social (segurança, lazer, etc.). A decadência do Bairro Centro Histórico,

é fator gerador de constantes reclamações por parte de seus moradores e frequentadores, e de preocupação por parte dos governantes, tendo influenciado diretamente para o esvaziamento do comércio local (aqui se incluem os cinemas) nele situado. São constantes os debates na mídia com objetivo de apontar novos rumos urbanísticos para a região, buscando um resgate cultural, comercial e residencial para o bairro (ZANELLA, 2006, p. 82).

Ainda segundo Zanella (2006), a última sessão do Cine-Theatro Capitólio aconteceu no dia 30 de junho de 1994, numa quinta-feira, onde outras duas salas da cidade, também administradas pela Fama Filmes, da rede de Marcelo Zonari

(Companhia Cinematográfica São João), encerraram as suas atividades. Os cinemas que acompanharam o Capitólio nesta última exibição foram: o Marrocos (no Bairro Menino Deus) e São João (no Bairro Centro). Tanto o cinema São João, quanto o Capitólio, vinham se dedicando à exibição de filmes pornográficos.

Pouco mais de uma semana depois, no dia 10 de julho, “fecharam outras seis salas, todas de propriedade do grupo Cine-Theatro Rex S/A: o ABC (no Bairro Cidade Baixa), o Coral 1 e 2 (no Bairro Moinhos de Vento), o Cacique, o Scala e o Lido (no Bairro Centro Histórico)” (ZANELLA, 2006, p. 45). Em pouco mais de dez dias, Porto Alegre contabilizava o fechamento de nove salas de cinema.

3.2 O PROCESSO DE REABERTURA DO CAPITÓLIO

Quase simultaneamente ao fechamento do Capitólio, diversas iniciativas, de diversas entidades, iniciaram a luta para restaurar o antigo Cine-Theatro. Infelizmente, as tentativas esbarraram na falta de recursos financeiros. Cristiano Zanella, autor do livro *The End: Cinemas de Calçada em Porto Alegre* (2006), entrevistou o urbanista Jaime Rodrigues, morador da Borges de Medeiros e um dos fundadores da Associação dos Amigos do Cinema Capitólio. Conforme Jaime:

Quando o Capitólio passou pelas últimas etapas, exibindo filmes pornôs e etc., já não dava mais... A própria comunidade reagiu, sentiu que precisava fazer alguma coisa. Então, organizamos um abaixo-assinado para a reabertura do espaço e, em uma manhã, na praça em frente, recolhemos perto de 2.000 assinaturas. Um movimento de resistência, que recebeu o apoio imediato da Prefeitura (RODRIGUES *apud* ZANELLA, 2006).

Mais que um cinema de calçada, a Cinemateca Capitólio surgiu da proposta de criação de um centro cultural dedicado única e exclusivamente à memória, ao estudo e à difusão do audiovisual. O antigo prédio, hoje restaurado, faz parte do imaginário coletivo da capital gaúcha.

Construído em 1928 o espaço abrigou um dos maiores cinemas de Porto Alegre, que funcionou ininterruptamente até o ano de 1994. Tombado pelo município e pelo estado, o projeto arquitetônico do prédio da Cinemateca procurou preservar as características originais do edifício, mantendo a imagem do antigo cinema ainda presente no imaginário coletivo dos transeuntes do Bairro Centro Histórico.

3.2.1 A restauração do Capitólio

Na década de 1990, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e o Governo do Estado iniciaram uma ampla política de revitalização da área central, focada na recuperação de espaços de uso coletivo como praças e passeios públicos, incluindo também a implantação de equipamentos culturais, como forma de resgatar a vida artística do centro da capital². Em 1995, o então prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, sancionou a lei complementar 365/95, transferindo a propriedade do imóvel para o município, declarando-o Patrimônio Histórico do Município de Porto Alegre (em 1995) e do Estado do Rio Grande do Sul (em 2007).

Na tentativa de restaurar o prédio, a prefeitura firmou uma parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC). A obra, orçada em R\$ 1 milhão de reais, ficaria sob responsabilidade de José Mendonça, diretor geral do órgão. O convênio entre a Prefeitura e o SESC foi celebrado com diversas atividades artísticas na Praça Daltro Filho, localizada em frente ao cinema. Iniciava assim, o projeto Instituto Policultural Capitólio/SESC. Entretanto, o prazo para o início das obras não foi cumprido fazendo que o acordo com a instituição SESC fosse desfeito no início dos anos 2000.

Com o acordo desfeito, o prédio ficou abandonado e sujeito à depredação e ao aumento dos problemas já existentes como infiltrações, acúmulo de lixo no pátio, aparecimento de animais indesejados como ratos, pombos e morcegos. O local também virou ponto de abrigo das pessoas em situação de rua. Todos esses problemas só prejudicaram a estrutura do antigo prédio que em dezembro de 2000 sofreu com a queda de parte da cobertura, pois uma das vigas que sustentavam o teto cedeu (ZANELLA, 2006).

Ainda em 2003, a FUNDACINE, através de convênio firmado com a Prefeitura de Porto Alegre, começou a captar os recursos necessários para a obra, cujo orçamento inicial era da ordem de R\$ 6.500.000,00. No dia 26 de outubro de 2004, transcorrido 10 anos do fechamento do prédio, a Prefeitura de Porto Alegre/Administração Popular (através da Secretaria Municipal de Cultura), a Associação dos Amigos do Cinema Capitólio (AAMICCA) e a Fundação Cinema RS (FUNDACINE), realizaram a apresentação do projeto do novo Capitólio. O projeto,

² Cinemateca Capitólio: quem somos. Disponível em <<http://www.capitolio.org.br/quem-somos/>> Acesso em: 30 set. 2018.

com aprovação junto à Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, e patrocínio da Petrobras, previa a construção de um centro de documentação e informação para pesquisa audiovisual, com um acervo que abrigasse arquivos e coleções públicas e particulares (ZANELLA, 2006).

O documento também previa uma nova sala de cinema com capacidade para 188 espectadores, equipada com projetores no sistema digital 35mm e 16mm, quatro salas de exibição para pequenos grupos e demais espaços de conveniência. Com o patrocínio da Petrobras, através da Lei Rouanet, no valor de R\$ 4.082.887,35, foi possível concluir a primeira fase de restauro do prédio, realizada entre os anos 2004 e 2006. O projeto da primeira etapa foi elaborado pelos arquitetos Marcelo Fernandez e Telmo Stensmann, com a supervisão da Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal da Cultura e do Escritório de Projetos e Obras da Secretaria Municipal de Obras e Viação, e procurou preservar as características originais do edifício, tombado pelo município e pelo estado³.

Uma obra que foi grande complexidade, dividida em duas etapas, compreendendo toda a reforma dos interiores e fachadas do prédio e a sua preparação para receber os equipamentos necessários para a sua inauguração.

Figura 5 - Restauração da fachada da Cinemateca Capitólio



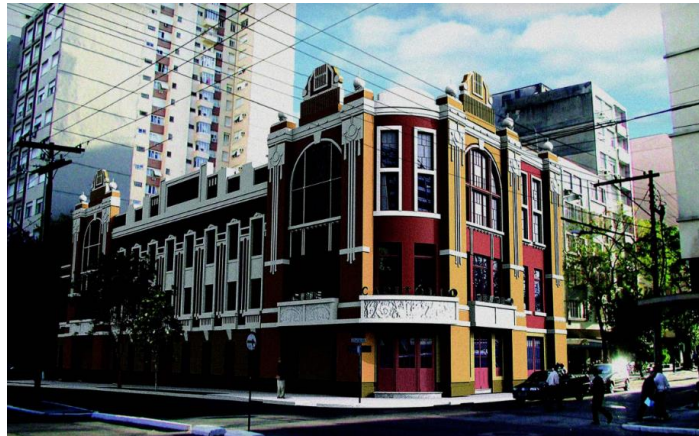
Fonte: FIORIN, 2006.

Em 2010, o Capitólio recebeu o patrocínio do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com recursos de R\$ 1.110.265,00

³ Cinemateca Capitólio: quem somos. Disponível em <<http://www.capitolio.org.br/quem-somos/>> Acesso em: 06 nov. 2018.

destinados aos sistemas elétricos, de climatização e a aquisição do mobiliário e de outros equipamentos, podendo concluir o projeto e abrir as portas do antigo casarão para os espectadores que aguardavam ansiosos a inauguração da nova Cinemateca Capitólio.

Figura 6 - Fachada da Cinemateca Capitólio restaurada



Fonte: FUNDACINE, 2007.

3.2.2 Os espaços do Capitólio

Hoje, o prédio do Capitólio conta com um espaço de mil setecentos e trinta metros quadrados (1.730 m²) de área construída, organizados em quatro pavimentos, além de um subsolo, divididos em dois prédios anexos, um destinado à circulação de público e área administrativa e o outro, de acesso independente, destinado ao acervo⁴.

O Capitólio tem suas áreas distribuídas da seguinte forma: subsolo, térreo e segundo, terceiro e quarto pavimento. No subsolo funciona a casa de máquinas. No térreo encontra-se o foyer do cinema, a bilheteria a sala de cinema, a sala de exposições, os banheiros e a recepção do acervo. Já no segundo pavimento está localizada a sala de pesquisa individual, a copa para funcionários, a loja, o acervo de obras audiovisuais e mais banheiros. Subindo até o terceiro pavimento encontra-se a biblioteca, o acervo de documentos e a área administrativa do mesmo, a sala multimídia, a sala de tratamento técnico de filmes e a cabine de projeção. No quarto, e último, pavimento fica a área administrativa, o acesso interno ao acervo, a casa de

⁴ Cinemateca Capitólio: quem somos. Disponível em <<http://www.capitolio.org.br/quem-somos/>> Acesso em: 30/09/2018.

máquinas do sistema de ar condicionado e a área de acervo de obras audiovisuais. Com exceção do subsolo e do quarto pavimento, há banheiros em todos os pavimentos do cinema.

Durante a realização desta monografia, na sala de exposições, era exibida a “Exposição Capitólio 90 anos 1928-2018”, em comemoração aos 90 anos do Capitólio. A mostra, que apresentou um panorama do cinema no cenário audiovisual gaúcho, teve como texto de apoio uma breve explicação sobre a história do cinema, adaptado do texto Exposição Capitólio 90 anos 1928-2018:

O Cine-Theatro Capitólio foi inaugurado em 12 de outubro de 1928, e era considerado o maior e mais completo complexo de diversões cinematográficas da época. Projetado pelo arquiteto Domingos Rocco, a pedido do alfaiate José Faillace, o prédio está localizado em uma das esquinas mais movimentadas da cidade e tem a fachada em estilo eclético, influência açoriana e colonial portuguesa, é suavemente curva na esquina, o que lhe dá um aspecto de grande imponência. A casa tinha capacidade para 1.295 lugares, com uma decoração luxuosa, e um piano acompanhava as projeções de cinema mudo. No auge do cinema, em 1935, sua capacidade foi ampliada para 1.500 lugares, e o local era tradicional ponto de encontro da sociedade porto-alegrense. Com a crise dos grandes cinemas de rua, o Capitólio teve suas portas fechadas em 1994. Em 1996 a Prefeitura reconheceu seu valor histórico, adquiriu e tombou o prédio. Estimulada pela mobilização da Associação dos Amigos do Cinema Capitólio, a Prefeitura estabeleceu uma parceria com a Fundacine-RS e o espaço passou por um longo processo de restauração, para se transformar na Cinemateca Capitólio Petrobras, inaugurada em 27 de março de 2015. O restauro foi financiado pela Petrobras, pelo BNDES e pelo Ministério da Cultura e também contou com recursos próprios da Prefeitura de Porto Alegre. A inauguração foi um marco para a comunidade porto-alegrense, porque, além de recuperar a sua vocação original como sala de exibição, transformou o prédio em um local destinado à preservação da memória do audiovisual gaúcho e nacional, mantendo também suas características arquitetônicas originais.

As figuras apresentam a galeria da Cinemateca, ambiente onde a mostra foi exposta. Com o uso de objetos como rolos e cartazes de filmes, películas e quadros com imagens dos momentos mais marcantes da história do Capitólio, em ordem cronológica, tornou-se possível criar uma retrospectiva visual dos 90 anos do cinema:

Figura 7 - Mosaico Exposição Capitólio 90 anos 1928-2018



Fonte: Acervo pessoal.

Além de imagens do acervo do Capitólio, abrangendo desde o ano de 1927, antes da inauguração do Cine-Theatro, até a sua reinauguração em 2015, a exposição contou com um projeto de vídeo que buscou resgatar a memória oral do cinema. Para esse vídeo, foram coletados diversos depoimentos de pessoas que tiveram ligação com a trajetória do cinema no decorrer desses 90 anos. Foram entrevistados os netos do Fundador José Faillace, frequentadores, funcionários, representantes da AAMICA, FUNDACINE, Conselho Consultivo, arquitetos responsáveis pela restauração e cineastas.

Ainda foram expostos cartazes de filmes, grandes clássicos que marcaram uma geração e fazem parte da memória dos frequentadores do Capitólio. Pode-se destacar o cartaz do Casanova, o príncipe dos amantes, primeiro filme exibido no Cine-Theatro Capitólio e Casablanca, grande sucesso da década de 40, com um elenco de atores consagrados como Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e Paul Henreid.

Figura 8 - Cartazes de grandes clássicos do cinema



Fonte: Exposição Capitólio 90 anos 1928-2018. Acervo próprio.

No segundo pavimento encontra-se a loja de produtos artesanais, produzidos e vendidos pelos dos membros da GerAção POA - Oficina Saúde e Trabalho Porto Alegre. Na loja são comercializados cadernos, marca-páginas, camisetas, canecas e demais produtos com a temática do Capitólio.

Figura 9 - Loja GerAção POA



Fonte: ROCHOL, 2015.

A sala de cinema restaurada funciona, para além de exposições cinematográficas, como um espaço multicultural sediando palestras, rodas de conversa, atrações musicais e demais eventos.

Figura 10 - Sala de exposições restaurada



Fonte: MACHADO, 2004.

No saguão de entrada, com porta para as calçadas da Rua Demétrio Ribeiro e da Avenida Borges de Medeiros, há um amplo hall de entrada que frequentemente é utilizado como sala de espera para as sessões de cinema, atrações artístico-culturais e como um segundo espaço para exposições.

Figura 11 - Foyer da Cinemateca



Fonte: ROCHOL, 2015.

O Capitólio constantemente recebe mostras de cinema e eventos como o Cine Esquema Novo – Arte Audiovisual Brasileira. Em novembro de 2016, o Cine Esquema Novo apresentou filmes, projeções e videoinstalações na Cinemateca, no Goethe-Institut, no Instituto Ling e pelas ruas e paredes de Porto Alegre.

Figura 12 - Performance durante o evento Cine Esquema Novo no Capitólio



Fonte: VINICIUS, 2016.

Outro espaço importante da Cinemateca é o arquivo de obras audiovisuais e documentos iconográficos cuja finalidade é “construir uma coleção com a produção audiovisual gaúcha na sua integralidade e reunir ainda as obras de referência da cinematografia brasileira e mundial” (FUNDACINE, 2007). Ainda conforme a FUNDACINE, mais do que ter um arquivo ou exibir filmes a função do Capitólio é:

Proporcionar a convergência de informações sobre a produção audiovisual - cinema, tevê e outras mídias -, especialmente a gaúcha. O Arquivo do Capitólio e seus acervos públicos e particulares que não estejam ali depositados deverão ser integrados por um Banco de Dados, que permita aos interessados conhecer a produção audiovisual gaúcha, localização e condição das obras, história, conteúdo, equipe e forma de produção (FUNDACINE, 2007, p. 73).

Com uma biblioteca especializada em audiovisual, torna-se possível a preservação da memória através do acervo cinematográfico. Além de livros e demais publicações sobre o Capitólio, a biblioteca abriga um extenso acervo fílmico com cópias de filmes 9,5mm, 16mm e 35mm, em VHS e em DVD. Além das películas o objetivo do acervo é “preservar todo o material que gira em torno da execução de um filme, como anotações pessoais, pressbooks, e cartazes de produções nacionais e estrangeiras” (FUNDACINE, 2007, p. 76).

Figura 13 - Biblioteca da Cinemateca e acervo com cópias de filmes



Fonte: FUNDACINE, 2007.

Em suma, os cinemas de calçada ultrapassaram o universo cinematográfico, moldando o comportamento dos porto-alegrenses e, conseqüentemente, a paisagem urbana da cidade. O cinema gaúcho tem uma grande importância no cenário nacional, sendo o mais importante polo produtor de obras fora de Rio de Janeiro e São Paulo, e os esforços para revitalizar o antigo Cine-Theatro Capitólio devolveu para Porto Alegre um importante espaço de memória, capaz de tornar o imaginário real (FUNDACINE, 2007). O Capitólio, reintegrado ao cotidiano da Capital, atua como um importante espaço de difusão cultural.

4 A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CINEMATECA CAPITÓLIO

Neste capítulo, serão analisadas as notícias veiculadas, na mídia jornal, sobre a Cinemateca Capitólio Petrobras na tentativa de compreender a construção do imaginário do cinema durante o processo de reabertura. Para tanto, o capítulo está dividido em 4 partes, além desta introdução.

Na primeira etapa será apresentado o método de pesquisa escolhido, assim como as técnicas utilizadas para realizar tal estudo. Para isso, utilizou-se como o delineamento metodológico o livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (GIL, 2006).

Na sequência, são abordadas as temáticas referentes às notícias com maior ocorrência nos jornais consultados durante os períodos selecionados. O primeiro período corresponde às notícias veiculadas durante o intervalo de tempo que compreende o período entre o ano de 2003 a 2014, totalizando 38 ocorrências. Já no segundo recorte, foram analisadas 39 notícias, divulgadas a partir do dia 1 de janeiro de 2015 até o dia 15 de novembro de 2018.

Conforme Ferrara (2008), as cidades possuem signos mediadores que atuam como agentes de cultura e se fazem presentes através dos espaços físicos e imaginários. A partir da pesquisa bibliográfica e documental pode-se perceber que os cinemas de calçada, enquanto espaços físicos e imaginários, foram se ressignificando conforme o passar das décadas e dos usos que lhe foram atribuídos por seus espectadores. Sejam eles moradores do Bairro Centro, críticos de cinema, agentes de cultura ou veículos midiáticos.

Partindo do pressuposto de que fundamentação do imaginário urbano se constitui no interior do indivíduo e leva em consideração seus sentimentos, memórias e vivências (FERRARA, 2008), é importante ressaltar o papel da mídia na construção desse imaginário, uma vez que essa fundamentação tem como base as informações adquiridas pelo indivíduo ao longo de sua trajetória de vida. Tais informações, podem ser obtidas a partir dos diversos discursos que são consumidos por esse sujeito, dentre eles: o discurso midiático.

Para compreender a imagem existente hoje sobre a Cinemateca Capitólio foi realizada uma pesquisa documental, que tem como base as teorias do imaginário, descritas anteriormente, onde se parte do princípio que todo imaginário é uma narrativa que difunde-se por meio da ordem simbólica (PESAVENTO, 2008) e

tecnológica (SILVA, 2003). Para esse estudo optou-se pelas tecnologias que compreendem o campo comunicacional.

Por fim, após a conclusão das etapas descritas anteriormente, realiza-se o diagnóstico do comparativo do imaginário sugerido pela mídia, a partir das temáticas verificadas no decorrer do processo metodológico e dos conceitos propostos pelos autores durante a pesquisa bibliográfica.

4.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE DO IMAGINÁRIO

Após a pesquisa bibliográfica, utilizada nos capítulos anteriores para compreender os conceitos de imaginário e o contexto histórico dos cinemas de calçada em Porto Alegre, será realizada uma pesquisa exploratória na tentativa de verificar como ocorre a construção do imaginário da Cinemateca Capitólio Petrobras, na mídia jornal, durante os dois períodos distintos de tempo que compõem o *corpus* da pesquisa.

A partir de levantamento bibliográfico e documental, pode-se realizar as pesquisas exploratórias. Essa metodologia “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2006, p. 43).

As técnicas de pesquisa utilizadas foram análise quantitativa e qualitativa. A primeira etapa, de seleção das notícias, compreendeu um levantamento qualitativo, pois foi necessário escolher as ocorrências que retrataram o Capitólio de forma mais detalhada. Depois de separadas as temáticas, realizou-se a análise quantitativa quantificando o número de aparições das categorias pré-estabelecidas com o objetivo de identificar o aumento, ou não, de aparições das temáticas levantadas.

4.1.1 O imaginário no jornal

Após a crise dos cinemas de calçada, movimento que obrigou vários cinemas a fecharem as portas, conforme apresentado no capítulo 3, o cenário não foi diferente para o antigo Cine-Theatro Capitólio. Localizado na esquina da Rua Demétrio Ribeiro com a Avenida Borges de Medeiros, o cinema sempre exerceu um importante papel na construção do imaginário urbano da capital. Seja pela sua arquitetura eclética, com

elementos açorianos e portugueses ou pelo seu caráter enquanto agente difusor de hábitos culturais.

Mesmo após o encerramento das suas atividades, em 1994, diversas iniciativas foram tomadas para que o Capitólio fosse reaberto e é nesse período que a mídia exerceu um importante papel enquanto aparelho tecnológico, simbólico e comunicacional, contribuindo para a construção do imaginário do Capitólio. O período entre o ano de 2003 e 2014 foi decisivo para a captação de recursos que viabilizou a reabertura do antigo Cine-Theatro.

Mesmo com as inúmeras dificuldades encontradas durante a fase de busca por patrocínios e parcerias, o Capitólio reabre suas portas ao público no ano de 2015, agora em forma de cinemateca. Nesse período a mídia também exerce influência na construção do imaginário do cinema.

Para compreender o imaginário gerado a partir das notícias referentes ao processo de reabertura do cinema e a transformação da promessa de um novo espaço para a realidade da Cinemateca Capitólio Petrobras foi realizada uma pesquisa documental em mídia jornal com circulação entre dois períodos significativos na tentativa de identificar o imaginário desse processo.

Para a pesquisa documental do processo de reabertura do Capitólio foi escolhida a mídia jornal. O primeiro recorte da pesquisa diz respeito ao espaço de tempo entre os anos 2003 e 2014, visto que nesse período a promessa de reabertura do cinema de calçada foi feita e adiada diversas vezes. O segundo recorte analisou as notícias veiculadas entre o dia 1 de janeiro de 2015, ano de reabertura do Capitólio, até o dia 15 de novembro de 2018, data de conclusão desta monografia. Buscou-se analisar as notícias que fizessem referência do Capitólio nos jornais Correio do Povo, Zero Hora (Gaúcha ZH), Jornal do Centro, O Sul e Jornal do Comércio, todos veículos com grande circulação, relevância e credibilidade perante a comunidade porto-alegrense.

Devido ao grande número de notícias, matérias, informes e notas sobre o Capitólio, o *corpus* da pesquisa que analisa o período entre 2003 e 2014 concentrou-se em um recorte de 38 notícias (Anexo A), consultadas para a realização deste trabalho.

Na segunda fase, de janeiro de 2015 a novembro de 2018, foi consultada a versão online dos jornais Zero Hora (Gaúcha ZH) e Correio do Povo. Para a consulta foram utilizadas as palavras-chave 'Cinemateca Capitólio', criando um filtro de busca

e, posteriormente, foi realizada uma seleção de 39 notícias (Anexo B) que não contemplou as notas referentes às sessões de agenda de cinema de Porto Alegre.

Para ilustrar as análises foram elaborados dois quadros (Anexo A e B), onde consta o nome de cada veículo analisado, a data, a editoria, o título e a página da ocorrência. Assim, a partir da análise dos dados obtidos na pesquisa documental, será possível identificar como o discurso midiático das temáticas mais recorrentes ajuda a construir o imaginário desse lugar da cidade.

4.2 TEMÁTICAS ABORDADAS

Para uma melhor compreensão do imaginário formado pelo jornal, as referências ao cinema Capitólio foram organizadas em cinco categorias, conforme a temática abordada, são elas: *arte e cultura*, *memória audiovisual*, *rearquitectura*, *patrimônio cultural e patrocínios e parcerias*. Na categoria *arte e cultura* estão os acontecimentos que tratam de lazer, agenda cultural e eventos. Em *memória audiovisual*, foram selecionados os assuntos relacionados ao papel do cinema enquanto agente de preservação de memória. O tema *rearquitectura* trata dos aspectos materiais que dizem respeito ao prédio que abriga o cinema. *Patrimônio cultural* compreende a importância sociocultural da Cinemateca para a preservação da cultura material e imaterial do cinema gaúcho. E, por último, a categoria *patrocínios e parcerias* abrange notícias e notas que divulgaram projetos, iniciativas e os esforços para manter vivo o último cinema de calçada da capital gaúcha.

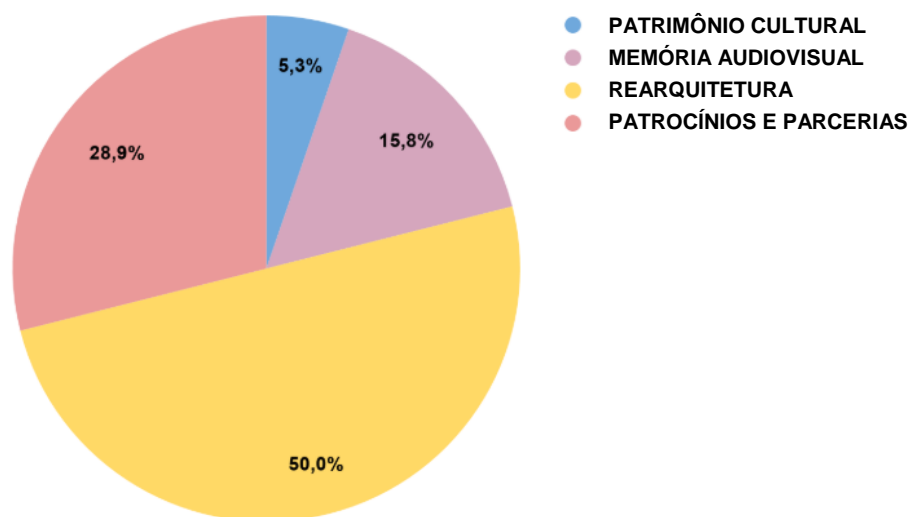
É importante ressaltar que algumas notícias trazem mais de uma temática e, para esta monografia, tornou-se necessário classificá-las conforme o aspecto considerado mais significativo pela autora. As ocorrências que foram noticiadas com destaque, seja pelo espaço dedicado à publicação ou pela quantidade de vezes que aparecem nos veículos consultados, serão comentadas com maior nível de detalhamento.

4.2.1 Temáticas abordadas entre 2003 e 2014

Nesta etapa, serão apresentadas as temáticas mais recorrentes durante o primeiro levantamento da pesquisa documental que compreende período entre os

anos 2003 e 2014. O quadro 1 apresenta a proporção das temáticas pesquisadas para esse intervalo de tempo.

Quadro 1 - Proporção de temas entre 2003 e 2014



Fonte: elaboração própria.

A primeira categoria analisada é *rearquitectura*. Metade das notícias veiculadas no período analisado estavam relacionadas a esse tema. Esse foi o assunto mais recorrente por se tratar de um espaço de tempo onde os envolvidos no processo de reabertura do antigo Cine-Theatro Capitólio buscaram apoios e patrocínios na tentativa de reabrir o cinema que passava por inúmeras dificuldades. Logo, as ocorrências relatadas nos jornais diziam respeito aos problemas técnicos e de infraestrutura encontrados nesse longo processo de reabertura, adiado diversas vezes.

Em 2 de agosto de 2004, o jornal Zero Hora divulgou a notícia intitulada “Reforma do Capitólio tem novo prazo”. A matéria abordou mais um adiamento do prazo previsto para entrega da obra com a seguinte introdução:

Amantes de cinemas e moradores do centro de Porto Alegre terão de esperar mais um pouco. As obras de revitalização do Cine-Theatro Capitólio, previstas para terminar em dezembro, ainda não começaram. O processo de captação de recursos financeiros e a necessidade de reformulação do projeto arquitetônico foram os principais motivos do atraso (REFORMA..., 2014, p. 41).

No decorrer da notícia, de praticamente uma página, além de informar sobre o primeiro atraso de entrega do cinema, também fez uma recapitulação da história do cinema onde se falou sobre seu ano de abertura, a capacidade de sua sala, seu estilo arquitetônico e sua importância enquanto difusor cultural. Outro fato curioso trazido no texto foi o período que cinema foi arrendado e reformado, entre os anos de 1969 e 1979, passando a se chamar Cine Première, depois ele retornou ao seu nome original.

É importante ressaltar que durante a retomada da história do cinema é descrito o episódio, ocorrido nos anos 2000, onde uma das vigas que sustentavam o teto cedeu e parte da estrutura desabou. Sendo que as obras de reparação, do teto e das demais áreas afetadas com o acidente, só iniciaram em janeiro do ano seguinte, ou seja, em 2001.

A matéria também apontou alguns dados técnicos referentes ao custo inicial da obra, estimado em R\$ 2,4 milhões, porém com um adendo de que esse valor poderia aumentar no decorrer do processo. A previsão era de 60 dias para o início do trabalho de restauração e de 4 meses para a finalização. Apesar da estimativa de tempo apresentada pela Zero Hora, a obra já estava 4 meses atrasada levando em consideração o primeira promessa do projeto.

Já a matéria divulgada em 25 de novembro de 2013, no site da Gaúcha ZH, apresentou o título ‘Capitólio será reinaugurado 10 anos após início das obras de restauração’ e como texto de apoio “Em dois anos, reabertura do espaço foi adiada cinco vezes”. Após nove anos da data de publicação da notícia citada anteriormente a população ainda aguardava a reinauguração do cinema.

O jornalista Matheus Ferraz (2003), responsável pelo texto, anuncia que a Cinemateca Capitólio deve reabrir as portas ao público em uma data emblemática: 27 de março de 2014, no dia que se comemorou o Dia Nacional do Cinema. Na época da publicação ainda faltavam alguns ajustes no prédio, como pequenas reformas e instalação de equipamentos, mobiliário, além de outra pendência, o Plano de Prevenção Contra Incêndio (PPCI).

As intervenções no prédio iniciou em 2004 e a previsão inicial de entrega da obra remetia ao final de 2007. Entretanto, devido a falta de recursos, e as diversas alterações no projeto original, ocorrem sucessivos atrasos. Ferraz (2013), conclui com uma breve lista, realizada entre os anos de 2012 e 2014, que apresentou o número de vezes que a inauguração do Capitólio foi postergada: dezembro/2012; fevereiro/2013; junho/2013; dezembro/2013 e março/2014.

Em segundo lugar, com quase $\frac{1}{4}$ (um quarto) das demais ocorrências, está a temática *patrocínios e parcerias*. Levando em consideração que nesse primeiro período as notícias selecionadas foram classificadas em quatro categorias, das cinco pré-estabelecidas, para o entendimento do imaginário construído pelo jornal. O número de aparições do tema demonstra o grau de importância das parcerias e dos patrocínios para o processo de reabertura do Capitólio.

As parcerias e os patrocínios foram de suma importância para garantir o restauro do antigo Cine-Theatro. Sem a captação de recursos de terceiros, pode-se sugerir que seria quase impossível prosseguir com as atividades do Capitólio.

“Novo Capitólio começa a ganhar vida” é o título da matéria publicada no jornal Correio do Povo em 11 de novembro de 2003. Retratando a campanha de recuperação do cinema, assinada pela Prefeitura de Porto Alegre, FUNDACINE e AAMICCA, a notícia descreve a assinatura do documento que dá início ao processo de captação de recursos para estruturação do cinema.

Também foram entrevistados os presidentes da Fundacine e AAMICCA. Responsável pela presidência da Fundacine, Gilberto de Assis Brasil, mais conhecido como Giba, lembrou que “mais que um projeto da Fundacine, o restauro do Cine-Theatro Capitólio representa a preservação da memória, fator que estamos devendo para quem fez o cinema antes de nós e para as gerações futuras” (BRASIL, 2003, p.20). Na fala, o então presidente da Associação dos Amigos do Cinema Capitólio, Jaime Rodrigues, foi destacada a base cultural e intelectual do Bairro Centro, onde está localizado o prédio. Rodrigues lembrou que a própria comunidade da região aprovou o projeto.

Além de destacar as parcerias firmadas, o então Secretário Municipal de Cultura, Victor Ortiz, foi entrevistado para a matéria e cita a importância do envolvimento da população no restauro do Capitólio. Ele disserta, “hoje, 75 anos depois, a população e a comunidade cultural se mobilizam de forma semelhante ao que se fez com a Usina do Gasômetro” (ORTIZ, 2003, p.20). Assim como o Cine-Theatro, o prédio da usina termelétrica do Gasômetro foi inaugurado na década de 20⁵. Mas em 1970 a usina foi desativada e, como resultado, acabou entrando em processo de deterioração. Na época, pensou-se na possibilidade de demolição, mas

⁵ Memorial descritivo produzido pela Secretaria de Cultura de Porto Alegre. Disponível em <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_usina_gasometro_1.pdf> Acesso em: 20 de nov. 2018.

houve reação da sociedade. Anos depois ela foi reformada, tombada e transformada em centro cultural.

Em ambos os casos, Capitólio e Usina do Gasômetro, a população do Bairro Centro e demais apoiadores, foram determinantes para garantir que os antigos prédios continuassem abrigando esses locais, tombados, e de extrema importância na construção do imaginário de Porto Alegre.

Em 26 de novembro de 2009, o Jornal do Comércio anuncia um novo prazo para a reabertura do Capitólio: primeiros meses de 2010. Após a confirmação de mais patrocínio no valor de R\$ 1,1 milhão de reais do BNDES, através da Lei Rouanet, criou-se uma grande expectativa com a possibilidade de reabertura do cinema para ano de 2010.

A matéria discorre sobre o projeto de reabertura que também contou com o patrocínio da Petrobras no valor de R\$ 4,2 milhões de reais nas duas primeiras etapas, que resultaram na conclusão da parte civil da obra, como a fachada e as estruturas. A busca por um novo financiamento iniciou em 2006 quando a Petrobras decidiu não patrocinar a última etapa do projeto. Tratou-se de um longo processo incluindo várias visitas da equipe técnica do BNDES a Porto Alegre e repetidas mudanças no projeto para fechar o acordo.

Tal trabalho, ainda envolveu a conquista da Carta de Reconhecimento da Importância Cultural e Imaterial do Capitólio que ocorreu em dezembro de 2007, além de uma detalhada construção de apoios institucionais em vários níveis de Governo, sem esquecer da ajuda de diversos colaboradores.

A notícia encerra com a informação de que a criação de uma Cinemateca será a primeira da região Sul e a segunda do país. E que, além do privilégio de termos uma das somente duas Cinematecas brasileiras, o cenário audiovisual gaúcho ganhará um espaço de preservação de memória.

As palavras-chave relacionadas à temática *memória audiovisual* aparecem em terceiro lugar no número de ocorrências. Com aparecimento de quase dezesseis por cento (16%), essa categoria revela um passado sociocultural de memória do antigo cinema e uma projeção para o futuro do Capitólio. O projeto de restauro, apresentado pelos parceiros e patrocinadores, trazia como uma das principais propostas a ideia de que o prédio fosse reaberto como um espaço dedicado à cultura e à memória audiovisual, principalmente a gaúcha. No projeto, além de uma biblioteca,

estava prevista uma área destinada ao acervo de livros, cartazes e rolos de filmes, películas, fitas, DVD e demais materiais analógicos e multimídia.

O jornal Zero Hora publicou, no dia 23 de novembro de 2006, uma matéria informando sobre o evento de cerimônia de entrega da primeira fase da obra de restauro, “Capitólio recupera esplendor”, foi o título escolhido para apresentar um panorama sobre o assunto que seria desenvolvido no decorrer da notícia.

Entre os convidados que conheceram o interior do novo Capitólio, o jornal conversou com Marta Rosa, com 56 anos na época. Rosa foi responsável pela bilheteria entre 1971 e 1986. A antiga funcionária, que mora a poucos metros do prédio histórico, lembrou filmes clássicos que passaram pelo Capitólio como E o Vento Levou e, um dos seus favoritos, o filme Estado de Sítio, de Costa Gravas. Marta também descreveu algumas memórias acerca do filme de Gravas, como: “E fechava o borderô pegava a sessão das 22h. Vibrava com esse filme. Mas era época de ditadura e uma noite apareceu um pessoal do Dops para tirar de cartaz” (ROSA, 2006, p. 46).

“Acervo do Capitólio é ampliado” é o título da notícia divulgada em 11 de novembro de 2006, no jornal Correio do Povo. A matéria reforça a promessa de reabertura da Cinemateca ao público no primeiro semestre de 2007, lembrando que uma de suas principais funções, prevista no projeto, é preservar a memória fílmica do Estado.

Com o acervo recentemente ampliado, são descritas algumas doações que o Capitólio acabara de receber:

[...] com a doação de 491 fitas pelo CineEsquemaNovo e pelo repasse de um projetor raro Pahté-Baby, de 1922, pela família Duarte. Junto vieram 11 filmes 9,5 mm pathé-baby estrangeiros que datam da década iniciada em 1910 e estão sendo identificados. (ACERVO..., 2006, p.7)

A notícia prossegue com a previsão, para o ano seguinte, de finalização do inventariado do material recebido. Além dessas doações, a Cinemateca Capitólio já contava com um acervo de 91 filmes, entre eles dois longas, e mais de 600 vídeos brasileiros e estrangeiros adquiridos pela Prefeitura da Capital. Todo o trabalho de pesquisa e catalogação dos arquivos era realizado em uma sala da Usina do Gasômetro, já que o Capitólio estava em fase de restauro.

Além disso, a matéria faz uma breve retrospectiva sobre o convênio firmado entre a FUNDACINE e a Prefeitura de Porto Alegre, com o apoio da AAMICA, para restaurar o cinema. Um dos assuntos destacados é a promessa dos espaços reservados para área de acervo, biblioteca, café e galeria de exposições com mostras permanentes e temporárias.

Mesmo aparecendo em terceiro lugar dentre as temáticas analisadas durante o primeiro período, *memória audiovisual* reforça a importância de se preservar um dos mais antigos cinema de calçada da capital gaúcha. Além das lembranças que ainda permanecem nas memórias de seus antigos frequentadores e funcionários, manter um acervo dedicado à memória audiovisual, significa não somente preservar a história do cinema gaúcho, mas garantir um espaço de compromisso com o passado dos cinemas de calçada.

Em último lugar, com duas ocorrências, aparece a temática *patrimônio cultural*. Mesmo com uma proporção menor, comparada às outras categorias citadas anteriormente, é importante ressaltar que várias notícias citam o tombamento do Capitólio no decorrer do texto, mas com o objetivo de realizar o comparativo da evolução das temáticas abordadas foram escolhidas as matérias que tratam desse tema com maior nível de detalhamento.

O prédio do Cine-Theatro Capitólio foi declarado Patrimônio Histórico do Município de Porto Alegre (em 1995) e do Estado do Rio Grande do Sul (em 2007) por sua relevância arquitetônica e cultural. Logo, há interesse público em preservar e proteger o antigo cinema dada a sua relevância histórico-cultural. Ele também apresenta os pré-requisitos necessários para se unir aos outros bens tombados pela capital, sendo eles: valor histórico, paisagístico, morfológico e técnico⁶.

A primeira notícia analisada trata-se de um informe comercial promovido pela Petrobras, com divulgação no dia 20 de dezembro de 2003, no jornal Zero Hora. Neste encarte especial chamado “Petrobras investe na cultura gaúcha”, há três espaços dedicados às seguintes temáticas: *memória audiovisual e patrocínios e parcerias*. Nesse caso, a categoria *patrimônio cultural* foi escolhida para análise pelo fato de ser o ponto que permeia os demais assuntos abordados.

No trechos que tratam das demais temáticas há uma retomada da história do antigo Cine-Theatro. Também é apresentado o projeto proposto para recuperar,

⁶ Prefeitura de Porto Alegre: Tombamentos. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=8&p_secao=87> Acesso em: 24 nov. 2018.

preservar e estudar o acervo cinematográfico do Estado. A promessa que o Capitólio voltaria como um centro cultural é reforçada no título e no decorrer do texto.

Quando o informe refere-se ao cinema enquanto Patrimônio Cultural, são trazidos os motivos pelo qual a Prefeitura de Porto Alegre decretou tal decisão, ou seja, foi o momento de reconhecer a necessidade de preservação e recuperação do prédio. Com a falta de dinheiro do poder público, as parcerias e os patrocínios, citados anteriormente, foram de suma importância para captar os recursos necessários.

O Jornal do Comércio, em 26 de outubro de 2004, também revela a importância de reabrir as portas do antigo cinema tombado como patrimônio cultural. A notícia retoma a data de inauguração do cinema, 12 de outubro de 1928, e relembra que neste mesmo ano estava sendo realizada a obra de construção do Viaduto Otávio Rocha, localizado na Avenida Borges de Medeiros. Assim como o Capitólio, o Viaduto Otávio Rocha é um importante ponto de referência de Porto Alegre. Suas características arquitetônicas, bem como sua relevância sociocultural, levaram o município a inscrevê-lo no Livro do Tombo em 31 de outubro de 1988⁷.

A matéria também discorre sobre o projeto da Cinemateca Gaúcha, que previa um cinema com 188 lugares, outras cinco salas menores para projeções multimídia, biblioteca, café, galeria para exposições e espaços para as instalações do acervo. Neste sentido, a importância histórica do antigo cinema é reforçada a todo o momento, seja quando o texto aponta outros bens que também foram tombados devido a sua relevância para a cidade, seja quando destaca pontos importantes do projeto de reabertura, como os espaços dedicados à memória e à difusão cultural.

Pode-se afirmar que os tombamentos pelo qual o Capitólio passou, ocorridos em 1995 e 2007, exerceram um importante papel para o reconhecimento do prédio enquanto um bem material e imaterial que compõe a identidade porto-alegrense. Tal visibilidade, contribuiu para o processo de captação de recursos tornando possível reabrir as portas da nova Cinemateca Capitólio Petrobras.

Dentre todas as notícias analisadas, para elencar as temáticas referentes ao primeiro período da pesquisa, de 2003 a 2014, pode-se destacar a repetição da palavra “projeto”. A explicação para tal fenômeno está vinculada ao fato de que esse

⁷ Memorial descritivo produzido pela Secretaria de Cultura de Porto Alegre. Disponível em <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_viaduto__otavio_rocha_1.pdf> Acesso em: 24 nov. 2018.

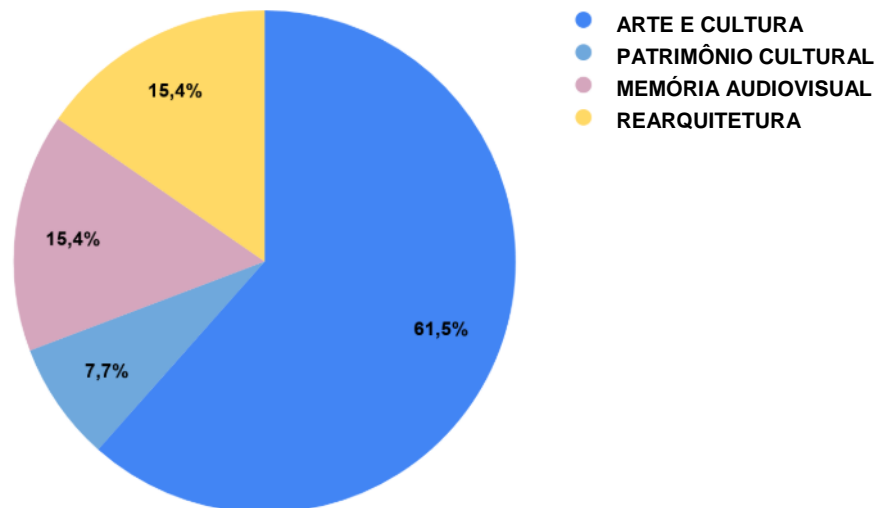
foi um período decisivo de captação de recursos para viabilizar o projeto que pretendia iniciar as obras de restauro do Cine-Theatro.

Desta maneira, ao citar a palavra “projeto” os diferentes veículos consultados também levantavam as promessas de reabertura do cinema, ou seja, os pontos chave de mudança, visto que o Capitólio não seria mais um cinema de calçada dedicado somente à exibição de filmes, mas sim uma Cinemateca com um acervo de memória audiovisual e ambientes dedicados à eventos e demais atividades culturais.

4.2.2 Temáticas abordadas entre 2015 e 2018

Dando sequência à análise das notícias, nesta etapa, serão apresentadas as temáticas mais recorrentes durante o segundo levantamento da pesquisa documental que compreende período entre o dia 1 de janeiro de 2015 até o dia 15 de novembro de 2018. O quadro 2 apresenta a proporção das temáticas pesquisadas para esse intervalo de tempo.

Quadro 2 - Proporção de temas entre 2015 e 2018



Fonte: elaboração própria.

Com mais de sessenta por cento (60%) de aparições nas notícias, a primeira categoria analisada será *arte e cultura*. As subcategorias referentes a esse tema são aquelas que retratam o Capitólio como um espaço multicultural, ou seja, que referem-se a ele como um local capaz de unir arte, fotografia, cinema e música.

“Cinemateca Capitólio exhibe quatro clássicos de Chabrol em 35mm” é o título da notícia veiculada em 13 de julho de 2015, no site Gaúcha ZH. O ciclo de filmes Nas Garras de Chabrol constituiu o programa que exibiu apenas quatro longas, do mestre francês Claude Chabrol.

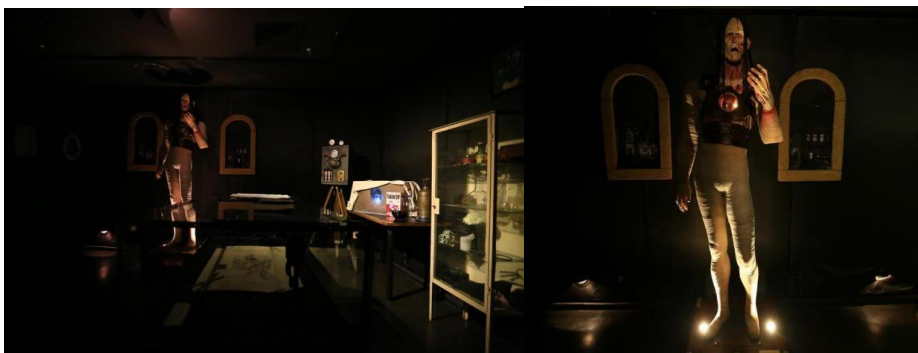
O diferencial dessa mostra estava no fato de que as sessões seriam exibidas utilizando somente filmes em 35mm. Dessa forma, seria possível, para os antigos frequentadores, lembrar os momentos vividos no cinema que é constantemente lembrado como uma das salas mais charmosas do Centro Histórico.

Outra matéria, publicada no jornal Correio do Povo, em 11 de setembro de 2017, cita a parceria firmada entre o Capitólio e o Porto Alegre Em Cena. A vigésima quarta (24ª) edição do festival estabeleceu um diálogo com a curadoria de teatro, música e dança. Além dos demais curtas previstos na programação do evento, houve uma sessão de abertura que contou com exibição do longa Plínio Marcos – Nas Quebradas do Mundaréu, seguida de um debate com o diretor Julio Calasso.

Em 18 de maio de 2018, o jornal Gaúcha ZH publicou a notícia intitulada “Exposição celebra 200 anos de ‘Frankenstein’ com clima sombrio e cheiro de laboratório” para divulgar as atividades paralelas do evento Fantaspoa 2018.

A partir de um trecho da obra Frankenstein, o escultor e ilustrador responsável pela exposição Frankenstein - 200 anos do Prometeu Moderno, Leo Dias de Los Muertos, recriou o laboratório onde se passa o ápice da história. A mostra celebrou os 200 anos do livro da inglesa Mary Shelley, considerado a primeira obra literária de ficção científica.

Figura 14 - Exposição Frankenstein - 200 anos do Prometeu Moderno



Fonte: BOTEGA, Jefferson. 2018.

As figuras criaram um ambiente, estrategicamente mal iluminado, com obras que ajudaram a montar o clima sombrio em que a criatura foi concebida. Armários

com antigos tubos de ensaio e uma escultura da própria criatura deram contornos ainda mais fantasmagóricos ao festival de cinema, que teve parte da programação sediada no Capitólio. A ambientação ficou completa com o uso de um odor semelhante ao de um laboratório da época.

Abrigando exposições de arte, mostras nacionais e internacionais e demais eventos, a Cinemateca cumpre seu papel enquanto difusor cultural. É importante ressaltar que tais características já estavam previstas no projeto que deu vida ao novo Capitólio. Desde o início, a promessa era de que o cinema fosse um espaço que abrigasse as mais variadas expressões artísticas.

Por isso, o planejamento de reestruturação do ambiente interno precisou ser elaborado com bastante cautela. A criação dos ambientes como o foyer, a galeria de exposições e as salas multimídias contribuíram para que diversas atividades pudessem ocorrer no Capitólio, tornando-o uma referência para a arte e cultura nacional.

As temáticas *rearquitectura e memória audiovisual* tiveram o mesmo número de aparições, por isso o critério de escolha será ordem alfabética. Com um pouco mais de quinze por cento (15%) nas ocorrências analisadas, rearquitectura segue sendo uma categoria com bastante destaque no que diz respeito ao discurso jornalístico sobre o Capitólio.

A matéria publicada no jornal Gaúcha ZH, em 27 de março de 2015, anuncia a aguardada reinauguração da Cinemateca Capitólio Petrobras. Mesmo utilizando o título “Após mais de 10 anos de obras, Cinemateca Capitólio será inaugurada nesta sexta”, a notícia discorreu de forma positiva sobre o evento de abertura do cinema. Daniel Félix (2015), jornalista responsável, complementa:

Na semana de seu aniversário, Porto Alegre ganhou um presente com o qual sonhava há anos. Depois de mais de uma década de obras, readaptações infundáveis e projeções de inauguração não cumpridas, a Cinemateca Capitólio será aberta nesta sexta-feira (FELIX, 2015).

A matéria ainda destaca os curtas que foram exibidos durante a sessão de reabertura, sendo eles: *O Início do Fim* (2005), de Gustavo Spolidoro, rodado nas ruínas do prédio antes de seu restauro, e o histórico *Vento Norte* (1951), o primeiro longa sonoro local. *Vento Norte* teve participação de Josué Guimarães no roteiro e foi rodado no Litoral por Salomão Scliar.

A frase “a esplendorosa sala de calçada da esquina da Borges de Medeiros com a Demétrio Ribeiro volta a operar com 164 lugares” foi utilizada de forma bastante otimista pelo jornal, que vê a reabertura do cinema como algo positivo para a cultura gaúcha. Ainda sobre a infraestrutura do cinema, a notícia apresentou ao público os novos espaços do Capitólio como: a área para guardar o acervo do audiovisual gaúcho, uma sala multimídia reservada para cursos e exposições de filmes para até 40 pessoas e um espaço de pesquisa com acesso ao acervo.

Da mesma forma, o jornal Correio do Povo, em 27 de março de 2017, comemorou o ingresso do Capitólio na era digital. A inauguração do novo projetor digital aconteceu no Dia do Cinema Gaúcho. O evento, restrito a convidados e autoridades, contou com a exibição do filme, até então inédito, A Mulher do Pai, dirigido por Cristiane Oliveira e produzido pela Okna Produções.

O projetor adquirido foi um DCP 2K da marca Christie. A compra permitiu que a Cinemateca aumentasse significativamente o acesso a filmes, podendo integrar-se ao circuito de lançamentos de produções recentes, distribuídas somente em formato digital. A partir da aquisição do projetor, o cinema também passou a receber mostras e festivais que operam exclusivamente com esse sistema.

Nesta mesma notícia foi informado o motivo pelo qual o cinema incorporou o *namning right* e passou a se chamar Cinemateca Capitólio Petrobras, pois para viabilizar a aquisição do projetor, a Secretaria Municipal de Cultura contou com a parceria da FUNDACINE, através da inserção do projeto na Lei de Incentivo à Cultura do RS. O projeto foi patrocinado pela Petrobras através do Pró-Cultura RS – Lei de Incentivo à Cultura do RS, que também contemplou o processo de digitalização do acervo e implementação de um banco de dados disponível para consulta.

Memória audiovisual é a terceira categoria analisada e diz respeito a leitura da mídia sobre a relevância da Cinemateca Capitólio enquanto espaço de lembrança do imaginário porto-alegrense e como um dos mais antigos cinema de calçada.

A editoria Cultura e Lazer, do jornal Gaúcha ZH, publicou em 4 de outubro de 2018, a matéria intitulada “Uma história do cinema: Capitólio completa 90 anos como referência na preservação da memória audiovisual”, com o seguinte texto de apoio “Orgulho dos porto-alegrenses, sala inaugurada em 12 de outubro de 1928 já foi cine-theatro, exibiu todos os tipos de filmes e sediou os mais diversos eventos”.

A notícia lembrou que no mês de outubro de 2018, seria comemorado os 90 anos do antigo Cine-Theatro Capitólio, cujo edifício sedia hoje a Cinemateca Capitólio

Petrobras. Em outubro de 1928, no ano de abertura do cinema, Porto Alegre passava, sob a administração de Otávio Rocha (1924-1928), por um amplo processo de remodelação urbanística, marcado por obras viárias de vulto e intervenções arquitetônicas e sanitárias que modificaram a dinâmica do viver na cidade. Alice Trusz (2008), historiadora encarregada pela matéria, complementa,

Assim, a história do Capitólio também é representativa da história de outros cinemas de rua da cidade e do mundo, que passaram por períodos de glória, decadência e abandono. Seu diferencial está em ter tido sua importância como lugar de memória reconhecida, tornando-se objeto de um processo de patrimonialização (TRUSZ, 2018).

Deste modo, o jornal apresenta o Capitólio como um local capaz de concentrar uma parcela da nossa história. Representando uma série de outros espaços e práticas culturais já desaparecidos, mas que contribuíram historicamente para a construção da identidade cultural gaúcha. Isso ocorre, principalmente a partir da decisão de recuperar a vocação original do espaço como sala de exibição, tornando-o igualmente um local destinado à preservação, à pesquisa e à difusão da memória audiovisual.

Outra notícia, veiculada em 18 de março de 2015, no jornal Correio do Povo, descreve a inauguração do cinema e o ritmo intenso de frequentadores nas sessões. Isso se justifica, pois o local que antigamente abrigava o Cine-Theatro Capitólio passou por um amplo e complexo processo de restauração nos últimos anos. Ao longo desse período o espaço, considerado uma das salas de cinema mais luxuosas da Capital, foi se transformando em uma cinemateca destinada à preservação da memória audiovisual gaúcha.

A matéria ainda acrescenta que agora Porto Alegre se torna uma das raras cidades brasileiras a possuir um grande cinema de calçada, o que possibilitará às novas gerações o contato com um autêntico memorial da era de ouro da exibição cinematográfica gaúcha. Porém, mais do que isso, a Cinemateca Capitólio está sendo celebrada por movimentar o cenário cultural porto-alegrense, oferecendo mais opções e informações voltadas à sétima arte.

A última temática apresentada, dentre as quatro recorrentes no segundo período de análise, é *patrimônio cultural*. Sendo que esta categoria, no período de análise anterior, de 2003 a 2014, também teve poucas aparições nos jornais analisados.

O jornal Gaúcha ZH publicou, no dia 11 de outubro de 2018, a matéria intitulada “Capitólio celebra 90 anos como espaço de resistência cultural”. No decorrer do texto é apresentado um panorama da história do cinema, as dificuldades encontradas para reabrir o Capitólio e a sua importância para a comunidade porto-alegrense:

Após uma década de morosas obras de reforma e restauro, o antigo Cine-Theatro Capitólio ressurgiu do abandono em março de 2015 como uma das joias culturais e patrimoniais de Porto Alegre. Sob a denominação Cinemateca Capitólio Petrobras, referente à formatação de guarda e preservação de filmes que incorporou e à empresa que bancou seu ressurgimento, o cinema localizado na esquina da Borges de Medeiros com a Demétrio Ribeiro completa nesta sexta-feira 90 anos de luzes na vida da Capital (PERRONE, 2018).

O texto continua tratando o Capitólio como uma das raras salas de calçada que sobrevive no Brasil. Assim, a maioria dos adjetivos utilizados para fazer referência à Cinemateca são positivos e reforçam a importância história do cinema para a cultura gaúcha e nacional. Para finalizar, a notícia apresenta uma importante falado de Marcus Mello “Porto Alegre precisa se orgulhar. Poucas cidades no mundo têm um cinema dos anos 1920 funcionando. A maioria já virou shopping ou estacionamento” (MELLO, 2018). Mello é ex-coordenador de Cinema Vídeo e Fotografia da Secretaria Municipal de Cultura e atual assessor técnico do Capitólio.

A segunda notícia analisada para compreender como os jornais retratam o Capitólio enquanto *patrimônio cultural* publicada no jornal Gaúcha ZH, em 20 de março de 2018, tem como título “Saiba como conhecer, de graça, o mais antigo cinema em atividade na Capital”.

A matéria divulgou os dois dias de visitas guiadas promovidos pelo Capitólio. A iniciativa, em parceria com o Centro de Pesquisa Histórica da Coordenação da Memória, buscou a valorização do patrimônio cultural e arquitetônico da capital. No trajeto, os visitantes foram apresentados à história do edifício e conheceram o acervo de filmes clássicos, mantidos pela administração do local, assim como a biblioteca responsável por reunir as obras sobre sétima arte.

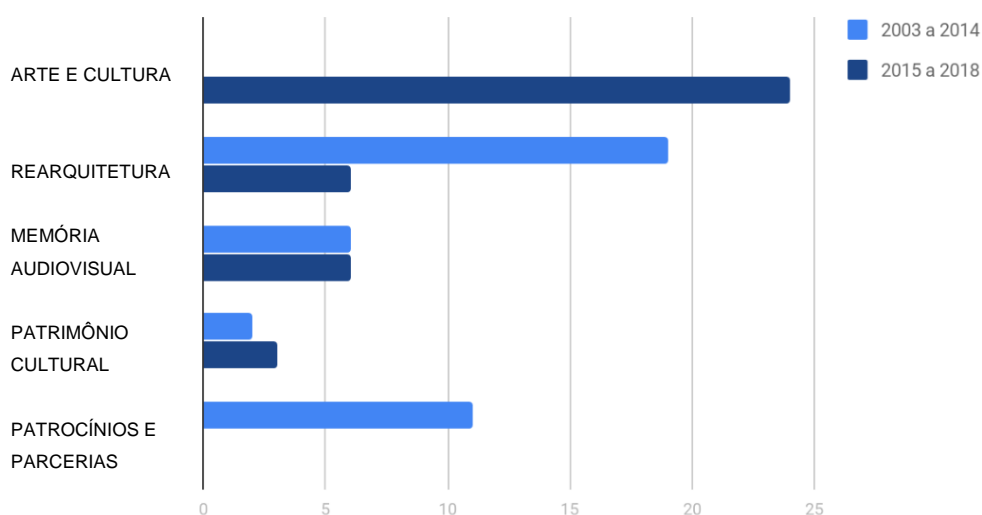
Em suma, a maioria das temáticas referentes ao segundo período da pesquisa (1 de janeiro de 2015 a 15 de novembro de 2018) traziam um breve histórico do antigo Cine-Theatro Capitólio, mas ao mesmo tempo faziam questão de destacar a

importância do novo espaço, agora restaurado, para a preservação da memória audiovisual gaúcha e a difusão de atividades culturais, nacionais e internacionais.

4.3 A EVOLUÇÃO NA PROPORÇÃO DAS TEMÁTICAS ABORDADAS

As notícias referentes às temáticas analisadas não ocorreu com frequência regular durante todo o período da pesquisa. A diferença na proporção das temáticas abordadas sobre a Cinemateca Capitólio Petrobras, nos jornais consultados ao longo de 15 anos, apontam mudanças no imaginário do cinema de calçada. O quadro 3 mostra a proporção entre as notícias de cada tema durante os dois intervalos de tempo da análise (de 2003 a 2014 e 2015 a 2018).

Quadro 3 - A evolução na proporção das temáticas abordadas



Fonte: elaboração própria.

A partir da análise da evolução das temáticas, como demonstra o quadro 3, pode-se perceber que *arte e cultura* foi a categoria mais recorrente. Mesmo aparecendo somente no segundo momento da análise, o tema foi o que mais ganhou destaque nos veículos consultados.

Observando as notícias relacionadas à temática *arte e cultura*, nota-se um aumento significativo no número de aparições da categoria e a ênfase dada pelos jornais pesquisados ao abordar o tema. Deste modo, é possível apontar para uma mudança no imaginário do cinema, assunto que será abordado a seguir com mais

profundidade.

As primeiras aparições desta categoria aconteceram exclusivamente a partir de janeiro de 2015, início do intervalo de tempo escolhido para a segunda a parte da pesquisa. Em 15 de março de 2015 o jornal Zero Hora, hoje sob o nome de Gaúcha ZH, apresentou a matéria denominada “Cinemateca Capitólio exhibe o inédito e premiado Era uma Vez na Anatólia”, na editoria Cultura e Lazer.

A notícia foi publicada logo após a data de reabertura da Cinemateca Capitólio e fez questão de afirmar que o primeiro final de semana de atividades do cinema contou com a exibição de grandes clássicos e foi um sucesso de público. A matéria segue informando dados como o dia e horário da sessão do filme Era uma Vez na Anatólia, do diretor turco Nuri Bilge Ceylan.

Na época, o filme era inédito em Porto Alegre e, além do status de exclusividade para exibir a obra, o Capitólio apresentaria um produto audiovisual de um dos mais celebrados e premiados diretores contemporâneos. A notícia segue dando destaque para as demais sessões que aconteceram no período de reabertura do cinema:

Uma multidão compareceu às sessões gratuitas de abertura da Cinemateca Capitólio, no fim de semana. A fila para ver os clássicos A Doce Vida, de Fellini, O Leopardo, de Visconti, e Alphaville, de Godard, dobrou a esquina da Borges de Medeiros com a Demétrio Ribeiro. Diversas pessoas não conseguiram entrar na sala. Muitas ficaram para o debate sobre cinefilia e crítica dos anos 1960, no sábado à noite (PERRONE, 2015).

Tais fenômenos, como as sessões lotadas, demonstraram a importância da Cinemateca enquanto um agente de difusão cultural que voltou a compor o cenário porto-alegrense. Cumprindo seu objetivo de se tornar um espaço dedicado à preservação e divulgação audiovisual e das mais variadas formas de manifestações artísticas.

Já a notícia publicada no jornal Correio do Povo, em 15 de fevereiro de 2017, apresenta aos leitores outra faceta do Capitólio. “Exposição fotográfica resgata história da Cinemateca Capitólio”, foi o título atribuído a matéria que divulgou a exposição permanente de fotografias encarregadas de contar a história da Cinemateca Capitólio Petrobras.

A matéria abordou que, além das sessões de cinema, a Cinemateca dispõe de diversos ambientes previstos no projeto de restauração tendo como objetivo

abrigar exposições, mostras de fotografias, pinturas, shows, etc.

Com a intenção de recuperar a memória da sala de cinema de Porto Alegre, a exposição reuniu cerca de 40 imagens que incluíram registros desde 1927, documentando as obras de construção do prédio, até as diferentes fases pela qual o Capitólio passou. Além das fotos, foram exibidos outros materiais como reportagens e a reprodução dos desenhos originais da fachada do prédio, assinados pelo arquiteto Domingos Rocco.

Outra temática bastante recorrente é *rearquitetura*. Pode-se afirmar que praticamente todas as notícias veiculadas no primeiro recorte de tempo e a grande maioria das veiculadas no segundo período da pesquisa faziam referência direta ou indireta ao tema.

Permeando as demais categorias, o fenômeno que interpreta a aparição do tema em quase todas as matérias consultadas pode ser explicado como um fator chave para a compreensão do imaginário urbano que se tinha a respeito do Capitólio e como ele foi ressignificando a partir da reabertura do cinema, no ano de 2015.

Todos os esforços para reativar o antigo cinema de calçada esbarraram em questões de restrição orçamentária. A verba necessária para o início, e posteriormente a conclusão, das obras estava ligada diretamente a ajustes técnicos no interior e no exterior do local.

O projeto de restauração procurou preservar as características originais do prédio, construído no final da década de 20. Após o lento processo de reabertura do Capitólio, tornou-se importante recapitular todas as fases pela qual o cinema passou. Desde a sua era de ouro, até a sua decadência, o imaginário da população porto alegreense foi ressignificando a imagem do cinema de calçada. Por isso, a retomada da importância cultural do antigo Cine-Theatro, pelos jornais consultados, ajuda a manter viva a memória deste espaço tão importante para a composição visual, estética e simbólica da cidade.

Como citado anteriormente, as matérias divulgadas constantemente retratam o papel social do Capitólio enquanto um ambiente de memória da cidade. A construção da memória, individual ou coletiva, é constantemente influenciada pela mídia jornal e isso impacta na maneira como o imaginário do cinema é percebido e reformulado pelas pessoas.

Dando sequência ao comparativo, o tema que manteve periodicidade regular nos veículos consultados foram as categorias *memória audiovisual* e *patrimônio*

cultural. Com o mesmo número de aparições, em ambos os recortes da pesquisa, os assuntos foram abordado em diferentes veículos durante os 15 anos contemplados na análise.

Nas notícias, citadas no capítulo 4, pode-se concluir que o principal objetivo do projeto de criação da Cinemateca, prometido nas notícias publicadas, se concretiza durante o segundo período estudado. No decorrer do processo de busca de patrocínios e parcerias, a temática *patrimônio cultural* era abordada com a finalidade de reforçar a importância do antigo prédio e atrair empresas e pessoas interessadas em reativar o cinema.

Já no segundo período, entre janeiro de 2015 a novembro de 2018, a categoria *memória audiovisual* aparece nas matérias como um dos grandes diferenciais da Cinemateca Capitólio, pois além das exposições de filmes, o cinema agora conta com um amplo acervo cinematográfico que busca preservar e difundir os materiais referentes ao cenário audiovisual gaúcho, nacional e internacional.

Com aparição exclusivamente nas notícias veiculadas entre o ano de 2003 a 2014, a temática *patrocínios e parcerias* foi amplamente abordada nos jornais da época. As notícias analisadas para compor o *corpus* da pesquisa, constantemente retratavam as dificuldades encontradas para conseguir verba através de patrocínios e parcerias.

Mesmo com tantas adversidades, o Capitólio foi reaberto no ano de 2015 e cumpre diariamente os objetivos prometidos durante a primeira fase da análise. Atua como difusor cultural, preserva a memória do cinema e compõe o imaginário urbano do Município de Porto Alegre, devido seu grande valor histórico-cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia aplicada na pesquisa deste trabalho resultou na confirmação da hipótese de que a imagem prometida pelo discurso jornalístico, apresentado no primeiro período de análise, se confirma no segundo momento da pesquisa, apontando para um novo imaginário urbano existente sobre o Capitólio.

A partir dos conceitos abordados no decorrer desta monografia foi possível compreender como acontece a construção do imaginário a partir de três perspectivas diferentes: semiótica, histórica e sociológica. Logo, o estudo do imaginário urbano sobre o objeto analisado perpassou os três campos citados anteriormente. Deste

modo, pode-se indicar que o estudo multidisciplinar realizado sobre o Capitólio demonstrou a importância histórico-cultural do cinema para o imaginário urbano de Porto Alegre.

A pesquisa bibliográfica apontou como o principal motivo para a decadência dos cinemas de calçada, o aparecimento da TV, demais mídias como o videocassete, e a inauguração de diversas salas em shoppings centers. Com a falta de investimento público, por parte da Prefeitura de Porto Alegre, outros apoios e patrocínios precisaram ser incorporados ao projeto de reabertura do Capitólio.

A partir dos conceitos apresentados por Ferrara (2008), a Cinemateca Capitólio atua como um signo da cidade, mediando as relações pessoa-cidade. A autora ainda destaca que a visibilidade deste signo é proporcional ao grau de relação que se estabelece na conexão diária com o usuário urbano. Isso significa, para o Capitólio, que o restauro da sua fachada original contribui para uma constante conexão com as pessoas. O prédio, inaugurado em 1928, manteve as suas características visuais durante o processo de reabertura. Logo, o cinema não perde o reconhecimento e a identificação por parte dos usuários urbanos.

Para Silva (2003), o imaginário é uma narrativa difundida por meio de tecnologias próprias, as tecnologias do imaginário. Ele também discorre sobre a construção da atmosfera que o imaginário é capaz de criar. Os veículos consultados para a pesquisa documental operaram como propagadores do imaginário do Capitólio. As notícias divulgadas sobre o processo de reabertura do cinema causou grande expectativa no público e quando o fato se consolidou a aura criada pelas matérias tornou-se real.

Já a autora Pesavento (2008), sugere uma correlação entre o individual e o social. Quando a Cinemateca Capitólio é retratada nas notícias dos jornais, cria-se uma relação entre a mídia e o leitor, sendo esse segundo também responsável pela construção do imaginário

A mídia executou de forma bastante fidedigna o passo a passo desse processo. Relatando os problemas técnicos encontrados no decorrer das obras e as alterações recorrentes no projeto para se adaptar à verba disponível e concluir o restauro. Apesar de todas as dificuldades encontradas, em 2015, quando o Capitólio reabre, as matérias veiculadas buscam fazer uma retrospectiva desse longo processo e o retratam como um local multicultural. Cumprindo os objetivos prometidos nas notícias divulgadas entre os anos 2003 e 2014.

É evidente que apenas este estudo não contempla todas as ocorrências midiáticas divulgadas sobre o Capitólio, pois foi necessário realizar um recorte no período de tempo analisado para formar o *corpus* da pesquisa.

Quando realizou-se o comparativo das temáticas, referentes aos períodos da análise, foi possível identificar o aumento significativo da categoria arte e cultura, principalmente pela aparição exclusiva no segundo recorte da pesquisa. Já o tema *rearquitectura* tem bastante destaque no primeiro período de análise, isso se justifica, pois foi nesse espaço de tempo que as obras de melhoria e restauração aconteceram. Este fato indica uma mudança no imaginário sobre a Cinemateca Capitólio que é construído pela mídia jornal.

Os discursos midiáticos dos jornais consultados demonstraram uma mudança na construção do imaginário do Capitólio. A mídia exerce um papel muito importante para a formação das imagens urbanas unindo presente, passado e futuro. O imaginário da Cinemateca agora projeta-se no futuro, pois é a partir dessas perspectivas que novos rumos podem ser projetados e alcançados.

O processo metodológico desta monografia evidenciou as relações entre o imaginário e os cinemas de calçada, mais especificamente a Cinemateca Capitólio. Para o campo da comunicação, pode-se concluir a mídia atua como agente na construção do imaginário da cidade e dos demais elementos que compõem o cenário urbano.

Enquanto estudante de comunicação social, a realização desta monografia foi de extrema importância para a minha formação enquanto publicitária e cidadã. A partir deste estudo tive a oportunidade unir três temas que me interessam muito: cinema, comunicação e cidade. Essa tríade foi capaz de me mostrar o quanto a comunicação pode, e deve, ser cada vez mais interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

Acervo do Capitólio é ampliado. Correio do Povo, 2006, p. 7.

BRASIL, Giba Assis. **Novo Capitólio começa a ganhar vida.** [Entrevista cedida à] Correio do Povo, 2003, p. 20.

CINEMATECA CAPITÓLIO PETROBRAS. **Quem somos.** SUL 21. Disponível em: <<http://www.capitolio.org.br/quem-somos/>> Acesso em: 30 set. 2018.

Exposição fotográfica resgata história da Cinemateca Capitólio Correio do Povo, 2017. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/Variedades/Exposicao/2017/2/610315/Exposicao-fotografica-resgata-historia-da-Cinemateca-Capitolio>> Acesso em: 13 out. 2018.

FEIX, Daniel. **Após mais de 10 anos de obras, Cinemateca Capitólio será inaugurada nesta sexta.** Gaúcha ZH, 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/03/apos-mais-de-10-anos-de-obras-cinemateca-capitolio-sera-inaugurada-nesta-sexta-4726885.html>> Acesso em: 24 out. 2018.

FERRAZ, Mateus. **Capitólio será reinaugurado 10 anos após início das obras de restauração.** Gaúcha ZH, 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/11/capitolio-sera-reinaugurado-10-anos-apos-inicio-das-obras-de-restauracao-cj5vf54ya08q1xbj079vngr7e.html>> Acesso em: 24 out. 2018.

FIORIN, João. **Cinemateca Capitólio.** Prefeitura de Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/prefeituraportoalegre/4535179936>> Acesso em: 24 out. 2018.

FLECK, Giovana. **Patrimônio: há mais de 200 anos, Igreja das Dores preserva parte da história de Porto Alegre.** SUL 21, 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2017/07/patrimonio-ha-mais-de-200-anos-igreja-das-dores-preserva-parte-da-historia-de-porto-alegre/>> Acesso em: 11 out. 2018.

FUNDACINE. **Cine-Theatro Capitólio: Um Olhar Em Transformação.** Porto Alegre: FUNDACINE, 2007.

GASTAL, Susana. **Salas de Cinema: cenários porto-alegrenses.** Porto Alegre, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2006.

MACHADO, Ivan. **Cinemateca Capitólio.** FLICKR, 2004. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ivan_machado/14098582699/> Acesso em: 24 out. 2018.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, Edipucrs, n. 15, p. 75, ago. 2001. [entrevista a Juremir Machado da Silva]

MELLO, Marcus. **Capitólio celebra 90 anos como espaço de resistência cultural**. [Entrevista cedida à] Gaúcha ZH, 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2018/10/capitolio-celebra-90-anos-como-espaco-de-resistencia-cultural-cjn4yl8i404c101pivsi3kmny.html>> Acesso em: 7 out. 2018.

ORTIZ, Victor. **Novo Capitólio começa a ganhar vida**. [Entrevista cedida à] Correio do Povo, 2003, p. 20.

PERRONE, Marcelo. **Cinemateca Capitólio exhibe o inédito e premiado Era uma Vez na Anatólia**. Gaúcha ZH, 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/03/cinemateca-capitolio-exibe-o-inedito-e-premiado-era-uma-vez-na-anatolia-4729523.html>> Acesso em: 24 out. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: condições de vida e trabalho**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SOUZA, Célia Ferraz de. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2 edição, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PROCEMPA. **Igreja Nossa Senhora das Dores**. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=61> Acesso em: 11 out. 2018.

Reforma Capitólio tem novo prazo. Zero Hora, 2004, p. 41.

ROCHOL, Cristine. **Cinemateca Capitólio**. Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, FLICKR, 2015. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/secretariadesaudepoa/22302931153/>> Acesso em: 24 out. 2018.

ROSA, Marta. **Capitólio recupera esplendor**. [Entrevista cedida à] Zero Hora, 2006, p. 46.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

STEYER, Fábio Augusto. **Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STEYER, Fábio Augusto. **O Cinema em Porto Alegre - RS (1896-1920)**. Porto Alegre, 1998.

TRUSZ, Alice. **Uma história do cinema: Capitólio completa 90 anos como referência na preservação da memória audiovisual**. Gaúcha ZH, 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/10/uma-historia-do-cinema-capitolio-completa-90-anos-como-referencia-na-preservacao-da-memoria-audiovisual-cjmuxnocf025301pim6mb5j5m.html>> Acesso em: 10 out. 2018.

VINICIUS, Roberto. **Cine Esquema Novo 2016**. Agência Gaúcha de Fotografia, FLICKR, 2016. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/agafoto/30893605751/in/album-72157675029118312/>> Acesso em: 24 out. 2018.

ZANELLA, Cristiano. **The end: cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005)**. Porto Alegre: Idéias a Granel, 2006.

ANEXOS

ANEXO A: Notícias sobre o Capitólio: primeiro período da análise (2003 a 2014)

	Veículo	Data	Editoria	Página	Título
1	Correio do Povo	26/12/2004	Variedades	16	A história é preservada na Capital
2	Jornal do Centro	01/12/2004	Capa	Capa	Retomadas as obras do Cine Capitólio
3	Jornal do Centro	01/12/2004	Geral	7	Depois de 10 anos fechado, Capitólio mais próximo da restauração
4	Zero Hora	27/10/2004	Geral	30	Reforma do Capitólio ganha novo projeto
5	Correio do Povo	25/10/2004	Variedades	20	Semana de destaques na cultura
6	Correio do Povo	11/11/2006	Panorama	7	Acervo do Capitólio é ampliado
7	Correio do Povo	11/11/2003	Variedades	20	Novo Capitólio começa a ganhar vida
8	Zero Hora	20/12/2003	Informe Especial	Não informado	Petrobras investe na cultura gaúcha
9	Jornal do Comércio	20/11/2005	Geral	25	Petrobras libera verbas para conclusão de obras no Capitólio
10	Zero Hora	29/04/2013	Capa	4	Cultura a longo prazo
11	Zero Hora	25/11/2014	Cultura	7	Até quando vão as obras
12	Jornal do Comércio	07/02/2006	Panorama	2	Cine-Theatro Capitólio reabre no mês de agosto
13	Zero Hora	29/11/2005	Segundo Caderno	Capa	Cinema da memória
14	Zero Hora	24/11/2009	Segundo Caderno	Não informado	Luzes sobre o Capitólio
15	Jornal do Comércio	26/11/2009	Não informado	Não informado	Capitólio prevê reabertura para 2010
16	Jornal do Comércio	25/04/2006	Panorama	Capa	Capitólio conclui mais uma etapa
17	Jornal do Centro	01/02/2006	Geral	5	Capitólio será entregue à comunidade em agosto
18	Correio do Povo	28/12/2003	Variedades	16	Carnaval, cinema e ruas recebem incentivos
19	Zero Hora	21/10/2004	Segundo Caderno	Contracapa	Sem título
20	O Sul	25/10/2004	Magazine	8	Dicas de O Sul: Cinemateca Capitólio
21	O Sul	26/10/2004	Magazine - Sociedade (Gasparotto)	3	Gasparotto

)		
22	Correio do Povo	26/10/2004	Variedades	23	Cinema Capitólio ganha apresentação
23	Jornal do Comércio	26/10/2004	Panorama	2	Capitólio vai ter seis salas de exibição
24	O Sul	26/10/2004	Segundo Caderno - Roteiro	4	Projeto Cinemateca Capitólio
25	Zero Hora	09/08/2005	Segundo Caderno	7	A capital do cinema
26	Zero Hora	05/10/2005	Segundo Caderno	Contracapa	Sem título
27	Zero Hora	19/01/2005	Segundo Caderno	Contracapa	Novos rumos (02)
28	O Sul	26/11/2004	Magazine - Sociedade	3	Cine-Theatro
29	Zero Hora	30/10/2004	Segundo Caderno	Contracapa	Capitólio na tela
30	Zero Hora	26/10/2004	Segundo Caderno (Fernanda Zaffari)	Contracapa	ZIGUEZAGUE
31	Correio do Povo	15/12/2003	Geral	7	Petrobras repassa verba ao Capitólio
32	Zero Hora	02/08/2004	Porto Alegre/Região Metropolitana	41	Reforma do Capitólio tem novo prazo
33	Zero Hora	23/11/2006	Pelo Rio Grande/Região Metropolitana	46	Capitólio recupera o esplendor
34	Gaúcha ZH	25/12/2013	Pelo Rio Grande/Região Metropolitana	Online	Projetos de reformas ou construção arrastam-se por anos
35	Gaúcha ZH	7/5/2013	Geral	Online	Em menos de um ano, Prefeitura adia pela terceira vez data de reabertura do Capitólio
36	Gaúcha ZH	4/8/2014	Cultura e Lazer	Online	Morre o fundador da Cinemateca Uruguaia Manuel Martínez Carril, aos 76 anos

37	Gaúcha ZH	4/4/2014	Cultura e Lazer	Online	Restauro do Cine Capitólio é apresentado, mas ainda não há data para abertura
38	Gaúcha ZH	25/11/2013	Geral	Online	Capitólio será reinaugurado 10 anos após início das obras de restauração

ANEXO B: Notícias sobre o Capitólio: segundo período da análise (2015 a 2018)

	Veículo	Data	Editoria	Página	Título
1	Gaúcha ZH	26/10/2018	Cinema	Online	Dia Internacional da Animação será celebrado neste domingo na Cinemateca Capitólio
2	Gaúcha ZH	08/04/2018	Cinema	Online	Evento dedicado à literatura e ao cinema policial, Porto Alegre Noir ocorre na Cinemateca Capitólio
3	Gaúcha ZH	28/02/2018	Cinema	Online	Ciclo japonês na Cinemateca Capitólio celebra animações do Studio Ghibli
4	Gaúcha ZH	02/03/2018	Cinema	Online	Projeto Raros faz festa com maratona madrugada adentro na Cinemateca Capitólio
5	Gaúcha ZH	02/05/2018	Cinema	Online	Cinemateca Capitólio apresenta mostra de filmes sobre maio de 68
6	Gaúcha ZH	19/03/2018	Cinema	Online	Mostra na Cinemateca Capitólio apresenta história alternativa do cinema norte-americano
7	Gaúcha ZH	11/10/2018	Cinema	Online	Capitólio celebra 90 anos como espaço de resistência cultural
8	Gaúcha ZH	06/12/2017	Cinema	Online	Mostra na Cinemateca Capitólio apresenta filmes realizados na América do Sul
9	Gaúcha ZH	24/1/2018	Cinema	Online	A vingança dos filmes B: mostra de cinema de gênero e independente inicia nesta quinta-feira na Cinemateca Capitólio
10	Gaúcha ZH	18/05/2018	Artes	Online	Exposição celebra 200 anos de "Frankenstein" com clima sombrio e cheiro de laboratório
11	Gaúcha ZH	13/9/2018	Agenda Cultural	Online	3ª edição de "Tela Indígena" e mais atrações para curtir em Porto Alegre nesta quinta-feira
12	Gaúcha ZH	27/10/2017	Cinema	Online	Mostra First Steps exhibe em Porto Alegre filmes de escolas de cinema da Alemanha, Áustria e Suíça
13	Gaúcha ZH	4/10/2018	Cultura e Lazer / Artigo	Online	Uma história do cinema: Capitólio completa 90 anos como referência na preservação da memória audiovisual
14	Gaúcha ZH	05/01/2016	Cultura e Lazer	Online	Sala de projeção da Cinemateca Capitólio está temporariamente fechada

15	Gaúcha ZH	27/9/2018	Cinema	Online	Cinebiografia "Nico, 1988" tira das sombras cantora alemã que integrou o Velvet Underground
16	Gaúcha ZH	27/03/2015	Cultura e Lazer	Online	Após mais de 10 anos de obras, Cinemateca Capitólio será inaugurada nesta sexta
17	Gaúcha ZH	17/01/2018	Cinema	Online	Road movie brasileiro "Pela Janela" aborda transformações após a demissão
18	Gaúcha ZH	03/09/2018	Cinema	Online	O cinema sobre o cinema: Sessão Accirs apresenta debate sobre "O Espelho", filme de Jafar Panahi
19	Gaúcha ZH	13/7/2015	Cultura e Lazer	Online	Cinemateca Capitólio exhibe quatro clássicos de Chabrol em 35mm
20	Gaúcha ZH	17/02/2016	Cultura e Lazer	Online	Estreia de "A Floresta de Jonathas" na Cinemateca Capitólio é adiada para quinta-feira
21	Gaúcha ZH	2/10/2017	Cinema	Online	Capitólio exhibe filmes de Jean-Pierre Melville a partir desta terça-feira
22	Gaúcha ZH	31/03/2015	Cultura e Lazer	Online	Cinemateca Capitólio exhibe o inédito e premiado "Era uma Vez na Anatólia"
23	Gaúcha ZH	5/5/2015	Cultura e Lazer	Online	Cinemateca Capitólio consolida circuito exibidor alternativo no centro de Porto Alegre
24	Gaúcha ZH	07/09/2018	Colunistas: Luciano Potter	Online	Sessão de cinema homenageia Júpiter Maçã com cenas e músicas inéditas
25	Gaúcha ZH	20/03/2018	Colunistas: Paulo Germano	Online	Saiba como conhecer, de graça, o mais antigo cinema em atividade na Capital
26	Gaúcha ZH	24/04/2018	Agenda Cultural	Online	"Cia. Rústica em Movimento" e mais atrações para curtir nesta terça-feira
27	Gaúcha ZH	13/11/2017	Cinema	Online	Documentário sobre Fernando Gabeira pré-estreia nesta terça-feira em Porto Alegre
28	Gaúcha ZH	27/03/2015	Cultura e Lazer	Online	História viva: Goida lembra sessões do Capitólio em décadas passadas
29	Gaúcha ZH	11/10/2018	Porto Alegre	Online	História de jornalista de 90 anos se entrelaça com a do Capitólio, que completa a mesma idade nesta sexta
30	Gaúcha ZH	13/10/2018	Colunistas: Rosane Tremea	Online	Um passeio pelos 90 anos do Capitólio, em Porto Alegre
31	Gaúcha ZH	27/3/2015	Porto Alegre	Online	Capitólio é reinaugurado 11 anos após o início das obras

32	Gaúcha ZH	02/11/2017	Colunistas: Paulo Germano	Online	A estratégia de gestão do prefeito Marchezan
33	Gaúcha ZH	27/3/2015	Cultura e Lazer	Online	Sala de calçada do Capitólio terá cinema autoral com pegada pop
34	Gaúcha ZH	24/3/2015	Últimas Notícias	Online	Após arrombamento, prefeitura garante reinauguração do Capitólio
35	Correio do Povo	15/2/2017	Arte e Agenda	Online	Exposição fotográfica resgata história da Cinemateca Capitólio
36	Correio do Povo	42081	Arte e Agenda	Online	Cinemateca Capitólio promove volta do cinema de rua a Porto Alegre
37	Correio do Povo	27/3/2017	Arte e Agenda	Online	Cinemateca Capitólio inaugura novo projetor e ingressa na fase digital
38	Correio do Povo	22/06/2017	Arte e Agenda	Online	Cinemateca Capitólio apresenta filmes em parceria com o Porto Alegre Em Cena
39	Correio do Povo	22/6/2017	Arte e Agenda	Online	Cinemateca Capitólio homenageia Moacyr Scliar